54

7610

ANTHERO DE QUENTAL

ANTHERO DE QUENTAL

SOBRE O «TASSO» DE CANDIDO DE FIGUEIREDO

BARCELLOS
Typographia da *Aurora do Cavado*
Editor—*R. V.*
1896

Tiragem apenas de 100 exemplares

20 em papel de linho,
80 em papel d'algodão.

N.º 18

No anno de 1870, o sr. Candido de Figueiredo, que no mundo litterario se havia estreiado em 1868 com os *Quadros Cambiantes,* poesia lirica, e com *Um anjo martyr,* poema tambem lirico, e que posteriormente, ainda, havia de por mais de uma vez sacrificar ás Musas, sendo para mim de todas as suas obras poeticas a melhor, por mais sentida e mais

pessoal, as suas *Noctaginias,* publicou *O Tasso,* poema dramatico em sete cantos, obra de incontestado merecimento em seu contexto, e ainda na Introducção com que precedido e nas Notas de que acompanhado.

A proposito do *Tasso,* e como apreciação sua, accusando a recepção do exemplar que o auctor lhe offerecera, escreveu a este Anthero de Quental a carta que em seguida reproduso do *Jornal da Manhã,* do Porto, n.º 339, 19.º anno, de 2.ª feira, 8 de dezembro de 1890, onde sahiu com o titulo de *Inedito* de Anthero de Quental.

E' mais um documento do seu talento superior, da vastidão de seus conhecimentos, e de seu levantado criterio, com que enriqueço a collecção a que metti mãos de todos os seus trabalhos dispersos pelas folhas periodicas e subsidio, creio para não desprezar, para futuros colleccionadores e criticos de sua obra completa.

RODRIGO VELLOSO

SOBRE O «TASSO» DE CANDIDO DE FIGUEIREDO

Sr.

Acabo de ler com todo o interesse o seu formoso poema, e com toda a attenção o conceituoso prologo que o precede. A sua maneira de ver a Arte é elevada e pura, cheia de medida, e por assim dizer, classica no romantismo. Mas

não lhe parece que o poema historico, tratado da maneira abstracta que alli indica, interpretando n'um sentido moderno os caracteres e as paixões, perde muito da sua realidade e por conseguinte do seu interesse, e fica sendo, em vez d'um individuo localisado e com suas feições proprias, uma generalidade philosophica e uma entidade abstracta? E' assim o theatro de Schiller, e o *Tasso* revela-me que o seu auctor, pelos sentimentos e pelo teor da imaginação, pertence á escola d'aquelle nobre espirito. Mas não será aquella substituição de caracteres abstractos e ideiaes aos caracteres reaes e historicos um dos maiores defeitos do theatro de Schiller, monumento a que se não póde negar elevação, pureza e nobreza, mas a que tanto falta o colorido, o *acento* e a realidade—?

Os personagens de Schiller não pertencem a uma epoca ou a uma civilisação

determinada. Acha isto vantagem? Cousin e os espiritualistas francezes dizem que sim, porque esses personagens sem patria nem edade certa, dizem elles, representam não o que ha de accidental e fortuito no homem, mas o que ha de essencial e eterno.

Mas esse homem assim não existe, nem póde existir, n'uma abstracção. O verdadeiro homem é isso, certamente, mas além d'isso é ainda a fórma particular que essas disposições universaes tomam em face de tal ou tal civilisação e debaixo da influencia de taes ou taes crenças, instituições e ainda climas. Não me parece que haja verdadeira e radical opposição entre o mundo real e o ideal, porque o real se é o limite, é tambem o meio, o instrumento e a fórma do ideal. Os personagens de Gœthe ou de Balzac, com terem tão accentuada a feição dos seculos e civilisações a que pertencem,

são por isso menos ideaes? Não posso crel-o. A aspiração moral do homem, por ter esta ou aquella forma determinada, nem por isso deixa de ser aspiração de subir, de se expandir, assim como é escusado aos rios seguirem uma linha recta para correrem atravez dos mais caprichosos meandros e seguirem o seu curso, tanto mais bello quanto é mais variado, mostrando com mil aspectos muito mais visivelmente a natureza da força que os impelle do que se seguissem uma direcção uniforme, inalteravel.

Meu caro sr. Figueiredo, peço-lhe que não tome isto que ahi fica como conselho ou censura: não tenho nem auctoridade nem sciencia para fallar n'esse tom a um escriptor com o seu talento, a sua experiencia e os seus conhecimentos. Isto é simplesmente uma opinião, que não quer ter nem tem senão

o caracter de *cavaco* (como cuido se diz ainda em Coimbra), isto é, uma coisa, cujo maior merecimento é a sinceridade e a despretensão. Uma opinião que prova contra uma obra de merecimento? as opiniões passam, as obras ficam. A sua obra ha-de ficar porque teve, independentemente das intenções do auctor, mais ou menos discutiveis, uma coisa que ninguem discutirá, penso eu, talento, conhecimento da arte, altos conceitos e versos (como os de Baudelaire) impecaveis. Com isto vai-se longe, e se não se vai á posteridade é só porque não ha posteridade para os escriptores d'uma nação que tem de morrer amanhã.

Receba, meu caro poeta, os meus emboras e creia-me seu

Lisboa, Rua de S. Pedro
de Alcantara, n.º 111.
1 de Maio, 1870.

Sincero admirador

Anthero de Quental

ANTHERO DE QUENTAL

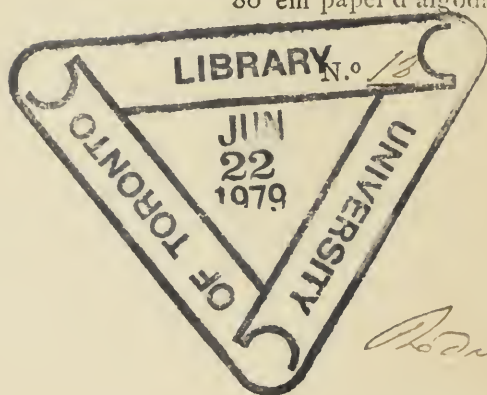
ANTHERO DE QUENTAL

A INDIFFERENÇA EM POLITICA

BARCELLOS
Typographia da *Aurora do Cavado*
Editor—*R. V.*
1896

Tiragem apenas de 100 exemplares

20 em papel de linho,
80 em papel d'algodão.

LIBRARY N.º 15
JUN 22 1979
UNIVERSITY OF TORONTO

Proseguimos na tarefa que gostosamente nos imposemos de colleccionar as folhas disjunctas da obra em prosa de Anthero do Quental, e toca hoje a vez de entrar na nossa collecção ao escripto *A indifferença em politica*, por elle publica-

do no *Gremio Alemtejano,* semanario que em Coimbra veio a lume no anno lectivo de 1861 a 1862, como orgão do Gremio Alemtejano, aggrupamento que n' esse anno tambem ahi constituiram os academicos que da provincia do Alemtejo frequentavam a Universidade e o Lyceu. [a]

Sahiu *A indifferença em politica* nos n.os 26, 28 e 31 do *Gremio Alemtejano,* de 3 e 17 d'abril e 8 de maio do anno de 1862, e, como d'ella se vê, ficou trabalho incompleto interrompido pela cessação do semanario, e ainda por certo, por mais cousa alguma d'ella ter escripto Anthero.

Pena foi que assim succedesse, pois que em sua continuação promettia ser

---

[a] D'igual modo, e no mesmo anno, se fundou um outro aggrupamento de academicos da provincia, do Minho, tendo igualmente orgão seu na imprensa denominado *O Minho* de que poucos n.os sahiram.

estudo interessantissimo, fundo golpe nas doutrinas que elle sempre afincadamente combateu, peladino intemerato da liberdade.

RODRIGO VELLOSO

A INDIFFERENÇA EM POLITICA

I

Um dos peores symptomas da desorganisação social, que n'um povo livre se póde manifestar, é a indifferença da parte dos governados para o que diz respeito aos homens e ás cousas do governo, porque, n'um povo livre, esses

homens e essas cousas são os symbolos da actividade, das energias, da vida social, são os depositarios da vontade e da soberania nacional.

Que um povo de escravos folgue indifferente ou durma a somno solto emquanto em cima se forjam as algemas servís, em quanto sobre o seu mesmo peito, como em bigorna insensivel,se bate a espada que lh'o ha de trespassar, é triste, mas comprehende-se porque esse somno é o da abjecção e da ignominia.

Mas quando é livre esse povo, quando a paz lhe é ainda convalescença para as feridas ganhadas em defeza d'essa liberdade, quando começa a ter consciencia de si e da sua soberania... que então, como tomado de vertigem, desvie os olhos do norte que tanto lhe custára a avistar e deixe correr indifferente,a sabor do vento e da onda, o navio que

tanto risco lhe déra a lançar do porto: para esse povo é como de morte este symptoma, porque é o olvido da ideia que ha pouco ainda lhe custara tanto suor tinto com tanto sangue, porque é renegar da bandeira da sua fé, porque é uma nação apostata da religião das nações—a liberdade!

Não! uma nação não póde, como um individuo hallucinado, tornar-se sceptica a ponto de descrer da propria vida! Não póde como o viajante cansado, assentar-se á beira do caminho, attento só ao bem estar d'uma hora, sem que lhe importe quem vem e quem passa. indifferente como a estatua do somno! Não póde porque as nacionalidades não descrêm, porque ao povo não podem esquecer as dores e as lagrimas que lhe custaram cem combates, para que como filho o adoptasse essa mãe robusta dos povos—a *Liberdade*—.

Quando se disser:—na cidade ou nos campos, na capital ou na aldeia, na praça ou na familia—quando se disser: —uma rede cujas malhas se forjam em Roma ou na Allemanha, que importa? todas as tyrannias se conhecem, todas são irmãns, todas se estendem mãos e braços—uma rede, subtil como a hypocrisia, rija como a tenacidade, mysteriosa como o sigillo, estendendo-se pela França, Italia, Hespanha, apertando e involvendo o seio dos povos até lhes paralysar o curso do sangue, tenta tambem estreitar em suas malhas tenebrosas os braços dos homens que ha tres annos empunharam a espada em prol de seus foros de homens livres, comprimir os corações generosos que sabem conciliar a independencia e o amor de Deus, suffocar a vida da nação briosa que dá hoje á Europa lições de tolerancia e liberdade—quando tal se disser e

se escutar, da choça até ao palacio soará unisono um brado de indignação, e não haverá mais indifferentes, porque todas as inercias, todas as inimizades, todas as facções desapparecerão, fundindo-se n'um grande e nobre partido liberal que, agrupado em volta do throno constitucional, terá por missão defendel-o como a bandeira de sua fé, o labaro da sua religião politica!

Não que a reacção—nomeio o inimigo!—seja entre nós forte ou muito para temer. Não; o povo portuguez se em parte é indifferente, é todo elle bastante esclarecido, tem o ciso sufficiente para não se deixar involver nas tramas insidiosas dos loucos que tentam restabelecer um passado impossivel, como se haja ahi pilha galvanica que dê vida a um morto!

Mas um vento pestilento sopra n'esta hora sobre a face da Europa: la a reac-

ção tem forças porque se appoia no fanatismo do povo e na imbecilidade dos governos estultamente conservadores.

E' pois mister estar prevenido contra os sopros pestiferos d'esse vento de morte que a má sorte nos póde cá trazer; é mister perder a indifferença para com o que de mais caro têm os povos; é mister sobretudo união nas fileiras do partido liberal, que deve saber sacrificar discussões e inimizades no altar consagrado da patria.

II

Um povo de dormentes só nos cemiterios se encontrará; mas esses dormem um somno que nenhum perigo póde despertar, porque os mortos não têm que temer da terra.

Mas nós, em quanto a gleba do supulchro nos não pesar no peito, a nossa missão é trabalhar. Trabalhar por alcançar o fim que nos diz a consciencia marcou Deus a cada homem: procural-o por nós, segundo nos aponta a intelligencia, livremente porque só é responsavel a acção livre, porque ninguem nos póde impôr acção que vá contra o que consideramos justo.

Mas quando se falla, já não do fim individual de cada homem, mas sim do fim d'uma nação inteira, torna-se mais palpavel esta necessidade de velar sempre, de ter sempre o olho aberto e mão no gladio contra tudo que se opponha a essa livre busca dos meios de realisar sua missão, tanto mais quanto é somente na sociedade que cada individuo póde realisar as justas tendencias da sua natureza.

A aggressão d'um é injusta, porque todo o direito, fôra elle o d'um insecto — a ter direitos o insecto — é santo e inviolavel. Mas a morte moral d'esse não impediria que vivessem e fossem sem ca-[illegible] os outros todos.

A lesão, porém, ao direito da sociedade, com um só golpe, paralysa o movimento de muitos, de todos: a mão que se ergue ameaçando uma nação, ameaça tambem cada um dos cidadãos.

Ora—digo eu—se cada um de vós tem sempre o ouvido á escuta para, ao menor ruido de passos estranhos na sua propriedade, correr a soccorrel-a, have. de ficar inertes quando um pé inimigo pisar e calcar o que é de todos, os di reitos da nação? Quando alguem lesa : algum de vós lá tendes a auctoridade. ou o amigo, ou o visinho para vos valer mas quando o mal fôr de todos, quand nem auctoridade, nem amigo vos possa ajudar, não será mais terrivel essa lesã que não só nos tira o que é vosso, co mo ainda os meios de o readquirir, qu vos defrauda e defrauda quem vos p deria soccorrer? não será peior esta le são, e não deveis, pois, estar mais preparados contra ella que contra a outr mais remediavel?

Eis ahi por que razão não pode, nã deve ninguem ficar indifferente ao qu se passa no seu paiz, pois que esse me

mo indifferente cuida e zela o seu direito individual, e o direito de todos é ainda mais para zelar, porque o mal que vem da offensa d'elle é peior e quasi irremediavel.

Todo aquelle, pois, que pede e se cansa pelos meios de conseguir o fim da sua existencia, deve tomar tanto ou mais ainda a peito os meios de alcançar a sociedade, a nação, o fim que sempre tem um povo.

E qual é, entre todos, o meio principal, o essencial para que chegue um povo ao termo do seu destino? qual será a primeira condição para que alcance esse bem, a ordem, a justiça, o ideal, finalmente das nações?

Não errará quem disser que é a *liberdade*. Com effeito, seja qual fôr o lado para o qual a mão de Deus vae levando as nações, seja qual fôr o destino que está marcado a cada individuo e a cada

nacionalidade, o que é certo é que, para alcançal-o, é necessario, mais que tudo, que esse caminho providencial seja buscado livremente porque senão, que merecimento póde ter aos olhos de Deus uma acção justa cujo agente foi obrigado á justiça em vez de a seguir por livre determinação?

Que bem, para mim, é esse bem de que eu não estou convencido? E, ainda que o fosse, como posso eu realisar o fim da minha existencia quando as condições para isso me são impostas, e essas condições não as posso eu acceitar, julgando as injustas ou perniciosas?

Justiça implica a ideia de responsabilidade, não ha negal-o: e por isso que é reu aquelle que perpetrou o crime, illudido ou ignorante do mal que fazia. E como comprehender a responsabilidade sem a liberdade? O somnambulo que durante a excitação do sonho falla e obra

não é responsavel das fallas ou das obras, porque, longe de obrar livremente, se acha sob a pressão da molestia que o agita.

Quem, pois, quizer uma sociedade justa e respeitavel pelo seu bem ou o seu mal deve querer para ella, mais que tudo, a liberdade, por que essa é a primeira condição de alcançar tal *desideratum*.

Esses que fallam em defraudar os povos d'este sancto paladium, com o pretexto de que, ligando-lhes as mãos, hão de impedir que obrem mal, ou se enganam, ou tentam enganar-nos.

Não é a justiça que elles querem ver realisada na sociedade; não é o bem, porque, como poderão ter mãos para fazer o bem aquelles a quem as ligaes sob pretexto de reprimir o mal?

Assim, sem liberdade não se concebe uma nação intelligente e generosa,

que se possuiu da sua missão no mundo e quer do coração cumprir esse decreto da providencia. Não é tudo a liberdade; mas é o primeiro passo para que tudo se alcance, é a primeira condição de tudo que é justo e sancto.

E' por isso que em volta do pendão dos livres, humedecido com tanta lagrima e sangue generosos, se devem ajunctar os filhos d'esta terra que ainda têm no coração uma esperança para dar á patria, nos labios uma maldição para os inimigos da liberdade, do progresso porque esses são tambem inimigos de Deus.

Sim! embora se escondam atrás do altar, embora tomem a cruz por insignia: ultrajam o altar e a cruz: são inimigos de Deus porque o são do espirito humano: todos os conhecem, aos filhos de Loyola: trazem na fronte a pallidez dos reprovados: chamam-se a *Reacção!*

III

A liberdade é a primeira condição para que alcancem as sociedades o fim para que as destina a Providencia. E' a condição essencial,porque o fim é a realisação do bem, e só pode ser *bem* para um individuo o que elle tiver como tal, e *livremente* escolher e acceitar.

Quem em nome do bem social, tenta defraudar um povo d'este sagrado direito, é hypocrita que com palavras de vida propina o veneno e a morte a quem dá credito a suas phrases mentirosas. Essas palavras adocicadas, são peiores que a ameaça, porque sob a refalsada doçura escondem a traição.

Os que o tentam falam como amigos, mas suas phrases são peiores mil vezes que a injuria, porque são de ironia e escarneo sob a apparente benevolencia.

E' o manifesto do czar, depois da infame partilha da Polonia, promettendo áquelle povo infeliz cuidar com solicitude de pae de seu progresso, de suas leis, de seus melhoramentos, isto depois de a ter escravisado, partido aos bocados, extenuado de forças, de sangue, de recursos.

E' Philippe de Castella jurando em côrtes o respeito pelas leis, fóros e nacionalidade portugueza, depois de haver com a conquista, com as armas de seus soldados aberto o caminho á tyrannia, ás extorsões, á desgraça do paiz.

E' o ultramontanismo, são esses modernos apostolos de não sei que ideias velhas, já carcomidas pela ferrugem do

tempo, jurando com a mão nas feridas ainda doloridas que fizeram ás nações que não querem senão trazer-lhe o balsamo, quando as carnes tremem com o só aproximar-se d'essa mão de quem receberam as feridas ainda sangrentas.

E' a inquisição que, sob pretexto de estarem gelados os povos de impiedade e septicismo, pretende aquecel-os com o calor de suas fogueiras, com a chamma dos seus autos de fé.

E' o absolutismo, que ahi vemos agora audaz prégando a missão, fallando muito em patriotismo, em nacionalidade em quanto sob o moderno habito de jesuita, que lhe veio de Roma, esconde as algemas servis.

E' o beijo de Judas, que vende o seu amigo, o seu mestre, o seu pae por trinta dinheiros.

Sim! Judas do povo são esses todos que, com beijos fementidos, e em

nome da moral tramam a morte da liberdade, como se não fosse ella a primeira condição de toda a moral e toda a justiça, como se sem responsabilidade podesse haver virtude alguma!

São Judas: mas não cuideis que esperem trinta dinheiros em paga de seus nobres feitos: se tentam vender a liberdade é que rica será a paga em poder, em grandeza, dignidade, importancia.

Mas, seriamente, já que tanto nos amaes e tanto bem nos quereis, vejamos quaes são as garantias que nos daes de que teremos em troca da nossa joia, a paz, a felicidade e progresso.

Vejamos quem sois para que possamos saber a quem nos vamos entregar de corpo e alma—sim, corpo e alma porque vós fallaes em nome do estado e da egreja.

Sois um partido e chamaes-vos Reacção. Muito bem: até aqui não vejo por

que razão vos havemos sacrificar o melhor que temos. Partidos, Deus louvado, não faltam e não julgo que tenham peior titulo á nossa obediencia.

Mas deixae-me sempre dizer-vos que uma nação não é ahi nenhum corrilho politico que receba ordens d'este ou d'este outro partido: uma nação é um grande individuo moral que tem sempre em vista um fim elevado e por isso não póde deixar-se levar atraz da bandeira que desenrolar ao vento da fortuna uma facção qualquer, vós ou outra, pouco importa o nome.

Um partido é sempre uma minoria que pugna por um interesse particular; um povo a maioria que caminha nas vias do interesse geral.

Já d'aqui vèdes que entre um partido e um povo pouco póde haver de commum. A nação segue a bandeira nacional, o partido a bandeira da sua côr.

Que razão terá o partido para querer substituir ao pendão nacional as côres da sua parcialidade? E' muito orgulho, muito orgulho ou muita cegueira.

Já vêdes, pois, que a vossa qualidade de partido não é titulo para o direito de dirigir um povo, bem pelo contrario.

Mas dou de barato que assim podesse ser. Ainda assim nos restava uma duvida, é o nome do vosso baptismo: Reacção. E resta-nos uma duvida porque o fim da nação é o progresso, o progresso que se executa por meio *d' acções* successivas e continuadas. O progresso toma o dia de hoje, o ponto aonde hoje chegou, como ponto de partida apenas para chegar mais longe: ora reacção é retrocesso, é tomar o que hoje fizemos como ponto de partida para chegar aonde estivemos hontem. Mas se o fim da nação é caminhar ávante e o vos-

so nome indica ser o vosso programma caminhar atraz e recuar, como quereis que a nação vos escute e siga o caminho que lhe apresentaes se o d'ella é em sentido opposto?

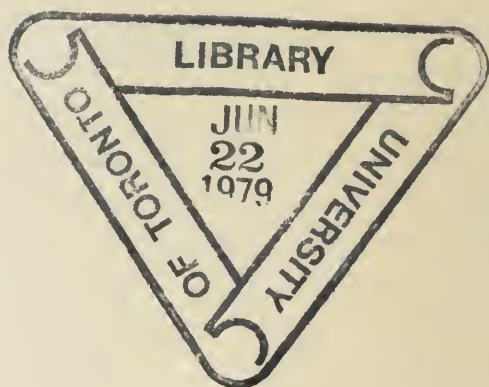
Decididamente, ou vós ou ella; ou um ou outro tem de ceder. Ou a nação se ha de fazer reaccionaria ou vós deveis perder a esperança de a dirigir. Mas o fim da nação é o progredir, logo não póde ella ceder-vos, e n'este caso só vos resta seguir a lei que manda que a parte menor ceda á maior, isto é, que o partido ceda á nação, que percaes as esperanças de dominar com as vossas ideiasinhas acanhadas a grande ideia nacional.

E' o que, como bons amigos, vos aconselhamos.

Já d'aqui vedes que por serdes um partido chamado reacção nem por isso tendes titulo a dirigir-nos. Vejamos en-

tão quem mais sois, d'onde vindes, para onde ides, pois talvez lá encontraremos esse titulo de directores que pretendeis.

. . . .

FIM

ANTHERO DE QUENTAL

ANTHERO DE QUENTAL

QUESTÃO ROMANA

BARCELLOS
Typographia da *Aurora do Cavado*
Editor—*R. V.*
1896

Tiragem apenas de 100 exemplares:

20 em papel de linho,
80 em papel d'algodão.

N.º 11

LIBRARY
JUN
22
1979
UNIVERSITY
OF TORONTO

No anno lectivo de 1861 a 1862 a Academia de Coimbra, não obstante constituir um só corpo, orgulhoso d'essa sua denominação, e zeloso de manter sob esta as gloriosas tradições do seu passado, pareceu querer dividir-se em como que diversas familias, congregando-se

os estudantes de cada uma das provincias, que constituem e em que se divide Portugal, sobre si em agremição mais conjuncta, e que melhor estreitasse as relações entra os compatricios de uma mesma provincia.

N'esta orientação chegaram a formar-se gremios, denominado um do Minho e outro Alemtejano, representativos, correspondentemente, das duas provincias, que seus nomes consubstanciavam. Cada um d'elles fundou tambem o seu jornal, denominando-se o do primeiro *O Minho* e o do segundo *O Gremio Alemtejano*.

Ephemera foi a vida quer d'um quer d'outro, e assim ephemera a existencia das Sociedades de que se apresentavam como emanados, sendo certo, porém, que muito

mais se prolongou a do *Gremio Alemtejano*, do que a do *Minho*, periodicos, pois que d'este sahiram 31 n.os, sendo o 1.º de 10 d'outubro de 1861 e o ultimo em 8 de maio de 1862.

N'aquelle, apesar de inteiramente estranho á provincia do Alemtejo, collaborou por vezes Anthero de Quental, e de seu n.º 27 de 10 d'abril do dito anno, transcrevemos nós o artigo por elle ahi publicado sobre a «Questão Romana», artigo que fecha com dous vaticinios, o primeiro dos quaes foi realisado muitos annos depois,... sendo para crêr que o segundo jamais o venha a ser.

Rodrigo Velloso

QUESTÃO ROMANA

Diz uma folha reaccionaria « . . . esta questão é *d'uma importancia universal:* ninguem se deve decidir n'ella sem dar tres vezes audiencia á sua consciencia». D'esta vez dizemos que sim ao jornal ultramontano.

A questão romana é d'uma importancia universal, porque é o pleito entre o obscurantismo, a intolerancia e a tyrannia, universaes inimigos do homem, e a illustração, a tolerancia e a liberdade, alvo eterno e universal de todos as nobres e generosas aspirações da humanidade.

«Ninguem se deve n'ella decidir sem dar tres vezes audiencia ao seu pensamento», porque ninguem deve ou póde ir de leve entregar os braços ás algemas, o peito á adaga, os olhos á venda, sem ter maduramente reflectido; ou, antes, quem maduramente reflectir, não deixará jámais que lhe amarrem as mãos e lhe vendem os olhos.

Diz-se por ahi—Garibaldi, chamado a Turim, onde organisou as associações de tiro nacional, percorre as cidades da Italia, anima com a sua palavra magica os tibios e os fracos, e dá aos

fortes e crentes, com sua presença, garantias do bom exito da questão romana. No fim da primavera a unidade italiana será proclamada no alto do Vaticano.

Porém, não é d'um homem, nem d'um governo que virá o remate d'esta questão. N'este pleito só póde decidir *a opinião,* porque, segundo o mesmo dizer do jornal reaccionario, é questão de *interesse universal* e n'estas só decide a *opinião,* echo da voz publica, ou antes, voz da ideia universal.

Ora a opinião já de ha muito que se decidiu pela unidade da Italia, lembrando-se de que todas as nações tem direito egual de gosarem da sua autonomia e da integridade do seu territorio, e de que o Vigario de Christo não póde tirar a nimguem o que é um dom concedido por Deus a esses individuos collectivos chamados nacionalidades, como concede a cada um de nós o gozo de

seus membros e faculdades. Decidiu-se pela palavra de Christo *regnum meum non est de hoc mundo*, contra o dizer da reacção, por um motivo simples—porque a palavra de Christo parece que sempre vale um pouco mais do que o veto de meia duzia de espiritos, que de proposito fecham os olhos á luz da verdade.

Não é mister ser nenhum philosopho, nenhum illuminado, basta o simples senso commum para conhecer que se de facto a egreja tem direito ao dominio temporal, não o deve pretender só em Roma, mas em toda a Italia, mas em todo o orbe catholico. Ora, esta legitima consequencia implica tamanho absurdo, que nem mesmo os mais exaltados apostolos do ultramontanismo se lembraram jámais de a invocar.

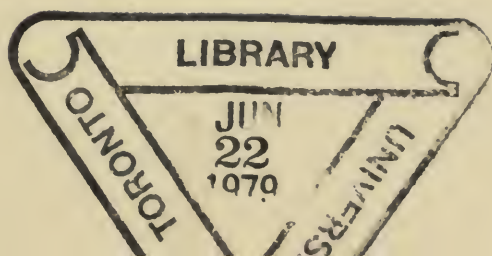
A opinião tem, pois, decidido o pleito: e ella é a rainha do mundo e, tarde

ou cedo, os acontecimentos mostrarão que não é debalde que se decide. Que importa o facto? a ideia, a vontade é tudo, e a ideia da Europa é de há muito pela justiça das pretenções da nação italiana.

Se Garibaldi não se pozer á testa do movimento nacional, o movimento nem por isso deixará de se levar a effeito, porque não é Garibaldi, é a justiça, que vae na frente dos patriotas italianos.

A questão pois, a nosso ver, acha-se decidida. A Italia será *uma*, e o santo padre, livre dos falsos conselheiros, será o primeiro a acolher de braços abertos a nacionalidade italiana.

Religião, tolerancia e liberdade, eis a nossa divisa: aonde irá a reacção procurar, para nos oppor, outra melhor e mais christã?

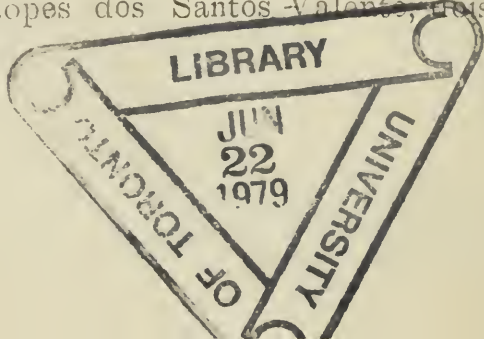
Abril de 1862

ANTHERO DE QUENTAL

INFLUENCIA DA MULHER NA CIVILISAÇÃO

BARCELLOS
Typographia da Aurora do Cavado
Editor — A. V.
1896

A Estreia Litteraria, quinzenario conimbricense, encetou a 2.ª serie de sua existencia em 15 de novembro de 1861, data da vinda a lume de seu 1.º n.º, e terminou-a com o n.º 11 publicado em 15 d'abril de 1861. Teve como redactores José Augusto Vieira da Cruz, já desde muito fallecido, e Augusto Sarmento, apreciavel poeta e romancista, e escriptor ainda sobre as nossas cousas d'Africa, e como collaboradores contou alguns dos

mais distinctos entre os academicos que dês de pouco haviam deixado de cursar a Universidade ou ainda a cursavam, contando-se no numero d'elles Abilio Augusto da Fonseca Pinto, consagrado mestre da lingua e um de seus mais primorosos cultores; Adolpho Ferreira de Loureiro, poeta então apreciado, e hoje um dos nossos mais distinctos engenheiros e distincto escriptor: Antonio José Teixeira, o tão notavel mathematico quão sciente e conspicuo homem de lettras; Augusto Saraiva de Carvalho, um dos mais radiantes talentos do curso de Direito d'então, e o notabilissimo e malogrado politico do futuro que a morte com cedo havia de roubar á propria gloria e ás necessidades da patria; João de Deus, o sublime poeta; Joaquim Simões Ferreira, prosador dos mais subidos quilates; Bernardino Pereira Pinheiro, um dos mais brilhantes dos nossos romancistas, infelizmente tão avaro para o publico dos fructos opimos de seu talento e estudos; Alberto Telles d'Utra Machado e Antonio Lopes dos Santos Valente, dois poetas

LIBRARY
JUN 22 1979
UNIVERSITY OF TORONTO

de raça, o segundo por igual em lingua patria e na do Lacio, ainda hoje não atrophiados nas suas pronunciadas tendencias e gostos litterarios, pelos tantos annos que lhes tem levado o conquistar lugares superiores no Ministerio de Justiça.

Por aqui se vê que, apesar de curta, não foi, nem o podia ser, sem valia a existencia da 2.ª serie da *Estreia Litteraria*, e bem competiu ella com a da 1.ª serie, que igualmente foi brilhante, estrean-do-se ahi muitos espiritos de eleição.

N'ella collaborou tambem quasi assiduamente Anthero do Quental (ou Anthero de Quental (a)) em verso e em pro-

---

(a) Não será fóra de todo o proposito o lembrar aqui, em como que resposta a algumas observações que particularmente me tem sido feitas quanto a eu na maior parte dos opusculos, que tenho publicado de obras menos conhecidas do eminente poeta e distinctissimo philosopho, lhe haver escripto o nome Anthero *do* Quental e não Anthero *de* Quental, que em todos os seus primeiros escriptos se assignou elle sempre d'essa primeira fórma.

sa, sendo o que para ella escreveu n'esta, uma serie de artigos, quatro, sob a epigraphe *Influencia da mulher na Civilisação,* trabalho distinctissimo e levantado, infelizmente não concluido.

São esses artigos os que agora reunimos no presente opusculo, chamando-os á nossa collecção, de que não serão uma das joias de somenos valor.

RODRIGO VELLOSO

INFLUENCIA DA MULHER NA CIVILISAÇÃO

L'homme s'agite, la femme le mène.
ARSÈNE HOUSSAYE

Se volvermos as páginas da historia da humanidade daremos com um facto constante, universal, de todos os tempos e de todos os lugares, e ao qual comtudo se tem negado a attenção a que tem jus pela sua importancia, e pelo muito que d'elle se póde concluir para o futuro.

Se na historia não procurarmos só uma data ou um facto descarnado, mas tentarmos n'ella descobrir alguma coisa mais, um principio harmonico e as leis que governam esses factos, ainda nas suas menores evoluções, veremos que a historia da civilisação da mulher, do seu desinvolvimento e da sua moralidade, anda sempre ligada aos factos do desinvolvimento da civilisação e da moralidade dos povos: veremos que aonde a sua condição se amesquinha, onde desce em dignidade, onde a mulher em vez do triplo e sagrado caracter de amante, espôsa e mãe, passa a ser escrava sem liberdade nem vontade, só destinada a saciar ao paixões brutaes d'um senhor devasso, ahi tambem veremos descer o nivel da civilisação e moralidade: á doçura dos costumes succeder a fereza e a brutalidade; e em vez do amor, essa flôr do sentimento pura e recatada, só

apparece a paixão instinctiva e brutal, necessidade puramente physica do animal que obedece á lei da reproducção, á devassidão e á polygamia!

Mas que differença, que quadro tão opposto nos não apresenta a familia, quando em civilisação mais avançada, e sob o influxo de principios mais christãos, a mulher se nos apresenta já *espôsa idolatrada* ou *mãe carinhosa em meio de seus filhos,* movel e centro de tantos e tão nobres affectos que todos para ella convergem porque a todos deu origem, a todos fez desabrochar no peito com seu anhelito inspirado e creador! Aqui a mulher é já mais respeitada: cresceu aqui mais em dignidade, e o seu espirito livre de toda a oppressão soube voar alto até á contemplação de Deus—de todo o bem e de toda a verdade; aqui a sua alma, achando já ambiente mais tepido e suave poude expandir-se, e na ancia de

infinitas aspirações elevar-se ao bello, á poesia—unica e verdadeira poesia—a da virtude! Mas não admiraes como, por uma reacção natural, e porisso menos harmonica e justa, as virtudes e dignidade da mulher vêm a reflectir-se na face do homem; como tambem subiu o nivel da sua moralidade; como tambem a sua alma se expande mais e mais se enebria de affectos e aspirações! Não vêdes já a intelligencia a prevalecer sobre a materia, o sentimento sobre a paixão? Não pasmaes de como o homem, ainda ha pouco brutal e rude, já agora sabe apreciar os prazeres da alma, as elevações do espirito, e vivendo n'ellas vive d'um viver mais puro que tende sempre a aproximal-o de Deus pela virtude e pelo amor?

E tudo isto quem o fez? que mão de fada tocou o homem que assim o soube elevar?

Meu Deus! uma mulher e um sorriso: um ente fraco e um raio de poesia: uma escrava a quem deram um pouco de liberdade, e um sentimento de affecto que ella lançou no coração do homem!

Uma mulher com effeito, um ente debil, que de continúo mais parece implorar-nos proteção e arrimo, do que aspirar a dominar-nos, mas que apesar d'isso exerce um tal podêr sôbre o homem, o forte por excellencia, que não só o faz passar da barbaria á civilisação, mas ainda é só ella que o póde levar aonde o chamam os seus destinos providenciaes!

Eis aqui o que é a mulher, e eis aqui qual é a influencia que ella exerce na humanidade.

E quereis saber a causa de tudo isto?

É que o homem forte na sua intelligencia e na sua vontade, é fraco pelo

coração, porque sente a necessidade d'um contraste, de uma fraqueza, d'um sentimento mais doce que possa abrandar o orgulho d'aquella intelligencia, a energia d'aquella vontade, no meio da qual se sente como triste e isolado: e a mulher por sua doçura, por sua timidez possue em mais elevado grau o principio de todos esses sentimentos de ternura de que tanto necessita o homem.

E por outro lado precisa tambem d'esse ente fraco, por que tenha plena consciencia de sua força, que pelo contraste lh'a faça sentir, a quem proteja, a quem ame, e a quem por seu turno depois se submetta, para tambem uma vez na vida ter a quem obedeça, elle o que manda e a quem tudo obedece na terra: e é ainda a mulher esse ente fraco, desvalido, mas apaixonado e nobre que elle tem de encontrar sobre o seu caminho para animar, proteger, amar, e por fim

obedecer-lhe e deixar-se guiar por ella.

E' que o homem necessita d'essa existencia debil e desvalida, porisso mesmo que lhe póde dar arrimo, e necessita o tanto que sem ella, como diz um poeta, o «mundo ser-lhe-ia um ermo melancolico, os deleites apenas o preludio do tedio».

E é mesmo por esse caracter de dependencia que a mulher se recommenda á deferencia e gasalhado do homem.

A sua fraqueza e desvalimento a recommendam ao arrimo e protecção das almas fortes e generosas; ao amor das almas nobres e apaixonadas, a nobreza de seus sentimentos: a todos a consciencia de sua superioridade moral e de nossa dependencia: dependencia suave e imperceptivel, mas real e poderosa: dependencia de filhos, de amantes, de irmãos e de esposos: dependencia moral apenas, mas porisso mesmo mais forte.

porque convençamo-nos uma vez—taes quaes somos é a mulher que assim nos faz, que nem um só ha que não tenha. uma vez ao menos, encontrado a mulher no caminho da sua existencia, e o seu imperio é tanto mais poderoso, quanto é mais sobre o coração, isto é, sobre o sentimento que elle se estende, e muito principalmente sobre as nossas mais ardentes paixões. Por qualquer face que encareis a mulher, no estado relativo do homem em frente d'ella, sempre encontrareis uma paixão de que, mesmo insensivel e involuntariamente, lança mão para nos dominar, guiar já no bem já no mal, para nos ennobrecer ou para nos aviltar. E' por essa paixão que nos insuffla na alma os principios em que a sua anda imbuida, consubstanciando-as assim, ou, dizendo melhor, consubstanciando a nossa com a sua, porque, n'esta assimilação moral, a alma da mulher

quasi nada perde da sua individualidade, sendo que é quasi sempre a do homem, que se homogeneia com a d'ella.

A paixão da amante, a amisade da irmã, a solidariedade da esposa, o amor da mae são outras tantas cadeias invisiveis, com que a providencia se aprouve ligar estreitamente a vida da mulher á do homem, e tornar assim a sua dependencia moral penhor da protecção para a fraqueza d'ella.

Disse, não sei qual philosopho, que quem faz os homens são as mulheres. Bebemos, com effeito, nos seios da mãe, nos olhos da amante, nos braços da esposa todas as virtudes ou todos os vicios com que depois surgimos no mundo: sendo a mulher o mysterioso guia e mestre da nossa educação moral, em todas as phases da nossa vida, claro é que o que formos, no bem ou no mal, a ella o deveremos.

Lei sublime esta de tanta harmonia, aonde se revela a mão da providencia, que, creando o homem forte, não quiz deixar a mulher inerme, e soube dar á sua fraqueza armas com que dominar a nossa quasi omnipotencia! Quero-a formulada assim:

«O homem e a mulher, nascidos um para o outro, tem de caminhar junctos, e guiando-se mutuamente, na estrada da civilisação: se o homem abandonar a sua companheira e a deixar atraz de si entregue sem soccorro ás asperezas do caminho, virá tambem abandonal-o a fôrça, que só vem do amor, e em breve se ha de extraviar da senda d'um progresso verdadeiro.

«A dependencia moral do homem em relação á mulher é um penhor providencial da sua protecção para a fraqueza d'ella».

Se a razão e o sentimento intimo

nos não mostrassem claramente a verdade d'esta lei de harmonia, bastaria percorrer as paginas da historia da humanidade, para em cada uma d'ellas toparmos com uma demonstração e um exemplo.

Quem não conhece essas mulheres heroicas da antiga Lacedemonia, sempre as primeiras em mandar seus filhos á guerra, e que antes queriam vêl-os voltar mortos sobre seus escudos, do que vivos, mas salvos á custa da propria honra e da gloria das armas patrias? Só essas sabiam dominar seus maridos porque na bella expressão da esposa de Leonidas—só ellas sabiam fazer homens. Então as mulheres não eram escravas sem honra nem dignidade, mas cidadans e livres; porisso tambem os homens eram heroes e martyres das liberdades patrias, debaixo do influxo benefico d'estas bellicosas divindades.

A que deveu a antiga Roma, a Ro-

ma das eras recommendaveis da republica, o esplendor de suas armas e de sua civilisação senão á severa e rigida virtude que as suas mulheres sabiam tão fundamente gravar na alma de seus filhos, fazendo de cada homem um cidadão, e de cada cidadão um heroe? Ahi tambem eram ellas respeitadas, e tanto que o insulto feito a uma taes tempestades levantou que sob si submergiu uma dynastia inteira, derrocou uma monarchia, edificio de seculos, e fez mudar de face toda uma organisação social!

Apparece depois no mundo o Christianismo, ideia sublime que affeiçoa á sua imagem essas almas rudes mas poeticas do norte, e sobre ellas espalha o balsamo de principios mais sanctos, de aspirações mais elevadas. E são ainda as mulheres que n'este drama augusto de renovamento moral são chamadas a representarem o papel de medianeiras

entre o ceu e a terra. E' por ellas que o influxo benefico dos principios christãos calou fundo n'essas imaginações virgens e depois nas almas d'essas hordas selvagens que irrompiam impetuosamente sobre o velho mundo romano.

E' Clotilde, a bella e modesta Clotilde, quem converte Clovis ás verdades do Evangelho, e com a conversão do rei educa tambem um povo inteiro. E' ainda a poetica Bertha, que, seduzida pelas acções mais ainda que palavras de um santo monge, traz á luz do Christianismo um rei e um povo barbaros e derrama os principios da verdadeira civilisação sobre os rochedos alpestres da Gran-Bretanha. Mas que digo? essa mesma religião não nasceu ella embalada nos braços d'uma mulher, de Maria a virgem, essa irman dos anjos, mãe e amiga dos que choram? não foram ainda os seus primeiros apostolos, os

que com mais fervor escutaram a palavra do divino mestre, algumas pobres mulheres de Nazareth? não foram ainda as mulheres que mais concorreram a implantal-a na terra? consultae a historia e mais ainda as tradições de todos os povos christãos, e dizei-me, depois de considerar por um pouco essa pleiada illustre de nobres e sanctas martyres, que mais queriam a morte affrontosa do que o renegarem a sua fé, dizei-me depois se por ventura foi curto ou de pouco alcance o papel que as mulheres tem representado n'este grande drama, drama divino, da implantação na terra d'essa grande ideia, a maior que no mundo tem apparecido—o Christianismo?! A mulher! Eis ahi a obra prima da creação, o ente que sobre todos tem na mão os destinos da humanidade, porque foi a ella que Deus escolheu para depositaria, apostolo e defensor da

sua ideia! Tem na face estampado o cunho do Senhor, e é só por ella que se hão de cumprir na terra os grandes designios da Providencia!

E a edade média? Qual ha ahi imaginação de mancebo que não tenha mil vezes sonhado com esta era mysteriosa de aventuras e de cavallaria?

Terra sancta, torneios, festins esplendidos aos sons plangentes da harpa dos menestreis, castellos perdidos nas nuvens pelo cume das montanhas, bardos e trovadores, quem não scisma tudo isto, e em que coração não se vem casar tudo isto com a imagem mysteriosa e incerta da mulher?

Surgi, cavalleiros da Palestina, sepultos sob o pêso das alvacentas ossadas dos infieis, e contae-nos a quantos d'entre vós não foi mais a vossa dama do que o vosso Deus, ou antes se não foi Deus por intermedio da dama dos

vossos pensares que assim vos obrigou a correr resolutos a remir o tumulo do Senhor, oppondo um peito leal ás lançadas dos filhos de Mahomet!

Duguesclin e tu intrepido Bayard, ensinae-nos qual foi a divindade que assim lançou em vossos nobres corações a semente da tantos feitos de heroismo e lealdade!

João I, João I, ultimo mas o mais nobre de todos os cavalleiros da peninsula, Mem-Rodrigues, e tu Ala invencivel dos Namorados, surgi vós todos do tumulo de longo esquecimento, a contar-nos quantas e quantas vezes não era o vosso grito de guerra o nome mil vezes repetido, o nome mysterioso d'aquella por quem ieis a defender o vosso Deus e a vossa patria, e quan'as vezes ao revolver-vos moribundos no pó dos campos da batalha não eram ainda para *Ella* que se dirigiam vossos ultimos votos,

não era ainda *Ella* que no derradeiro arranco da agonia collocaveis a par de Deus.

Camões, Tasso, Petrarcha, quem vos fez lançar para o mundo em meio de lagrimas sem conto torrentes de eterna harmonia?

Filippa de Lencastre, mãe d'uma geração de heroes, Natercia, Laura, Beatriz, Branca, Joanna d'Albert, Clotilde, vós todas que soubestes inspirar nobres acções e nobres cantos, Filippa de Vilhena que com tua mão maternal armas cavalleiros teus proprios filhos em defesa da patria, deixae que a todas vós vá insculpir o nome eterno nos florões da corôa da nossa propria gloria. Sorride se alguem ousar isentar-se da fôrça creadora da vossa virtude, deixae que os homens mofem do vosso benefico poder, e por unica vingança mostrae-lhes o bem que inspirastes, e que só por vós se practicou!

A mulher, sempre a mulher ahi aonde ha a narrar um feito illustre, uma acção gloriosa, aonde ha um nobre sentimento a fazer passar ás gerações do futuro!

JOANNA D'ARC

A edade média ia acabar.

Mas antes que o bulcão impetuoso das hostes mahometanas, ruindo sobre o velho imperio do Oriente, dispersasse pela Europa, como bando de aguias expulsas do seu ninho, esses monjes depositarios da sciencia do mundo velho, esses sabios possuidores da arte antiga, que tinha de vivificar, casando-se, fundindo-se n'ella, a arte nova; antes que o vento da conquista, soprando sobre aquelle foco aonde se concentrára tudo que o mundo romano e grego pensou e sentiu, espalhasse ao longe pelas terras

todas as faiscas do fogo sagrado que lá ardia; antes que a civilisação antiga fecundasse a nova civilisação, era mister que se escolhesse um lar amigo a esse fogo expulso do seu lar; era mister que a Providencia abrisse um templo á sciencia do oriente quando esta batesse ás portas do occidente.

Esse templo aberto pela Providencia foi a Italia, a Italia a principio e depois a França; a França mais do que a Italia, que acolheu essa reliquia no seio, que se consubstanciou com ella, que a amou, que lhe deu vida nova, e d'essa fusão sublime do passado e do presente fez nascer a verdade, a sciencia da liberdade, a mãe das sociedades do futuro. A arvore fecunda da sciencia do passado, em chão ruim não podera dar bens fructos. A Italia amou a civilisação grega e romana, mas não creu n'ella. Esse perfume da antiguidade classica embria-

gou-lhe os sentidos, mas cortou-lhe os vôos á intelligencia. O passado alli não poude, pela alliança mystica com o presente, conceber a ideia do futuro. Era mister transportar a arvore que definhava em terreno esteril para chão mais fecundo e mais fertil.

Esse chão foi o solo abençoado da França.

E comtudo a França gemia curvando-se sob o pêso das armaduras dos invasores d'além-mar. As tendas da conquista esterilisavam aquelles campos bemquistos da civilisação e promettiam matar-lhes o viço para sempre, se a mão de Deus lhes não acudisse. Só um milagre podia salvar a França.

Foi por isso que Deus fallou pela bocca inspirada da mulher: foi porisso que appareceu Joanna d'Arc.

Pela sua bocca fallaram todos os soffrimentos da nação que gemia no ca-

ptiveiro; todas as esperanças dos que, com olhos d'alma, viam raiar no horisonte da patria a aurora da redempção; todas as aspirações, todas os crenças dos que o terror e a cobardia não vendera ainda ao inimigo; pela sua bocca fallou o futuro da França e do mundo. O gladio vingador tornou-se em suas mãos a espada flammejante do archanjo do exterminio. O bretão orgulhoso, recuando de trincheira em trincheira, diante d'esta mulher heroica, teve de saltar o estreito, e só se julgou seguro quando occulto entre os gelos e nevoeiros da sua Inglaterra. A França estava salva. O templo da civilisação estava agora livre e puro: a arte e a sciencia podiam agora emigrar do oriente, e atravessando a Italia polluida pela devassidão e pelo crime, buscar abrigo certo no seio da nação heroica. Uma mulher fôra a escolhida do Senhor para aplanar as vias da sua Providencia.

A França estava salva.

Joanna d'Arc ajoelhou contricta na terra que libertára, e sentiu que a morte vinha perto: a sua missão havia acabado.

Que lhe restava a ella agora com effeito? O que espera na terra tudo quanto é grande e sublime: a morte de Christo, o sacrificio, morte de affronta e de ignominia e depois o amor e o culto da posteridade.

Aldean visionaria a principio; mais tarde mendiga sublime d'uma espada e d'uma hoste que levasse á victoria; depois alma de Graccho encarnada nas formas d'uma virgem; mais que mulher por fim, martyr d'uma ideia grande; sahira a passos lentos das suas montanhas, triste da serena melancholia das resoluções inabalaveis, para atravessar a França como nuvem revôlta de enthusiasmo e patriotismo, e cahir depois sobre uma

fogueira, expiando alli o crime sublime da virtude.

O povo entorpecido pela conquista não poude conceber como a alma d'uma donzella, que o ardor d'uma crença consumia, pudesse salvar uma nação: o rei que ella levantára do pó para assentar sobre um throno, não tinha fôrça para interpor o seu sceptro entre a mulher e a fogueira.

Pobre d'ella! Involta já pelas chammas que a iam tragar, elevava os olhos ao ceu, beijando com fervor a imagem do Crucificado que os phariseus lhe apresentavam por escarneo; mas sob a tunica rara palpitavam e tremiam-lhe os seios castos de virgem!

O espirito, depurado pela tortura, fugiu em busca de novos mundos; e sobre as cinzas que ficaram vieram depois os homens elevar-lhe um altar de gratidão e saudade. O sacrificio vinculou

mais uma vez na terra o culto da dedicação e da virtude. Mas o involucro de aquella alma tão nobre e tão pura, nobre e puro tambem como ella, mais fraco só; mas aquelle corpo de virgem não poude deixar de tremer quando as mãos impuras do algoz o amarraram ao poste da ignominia, quando se viu amaldiçoada por aquelles mesmos por quem dava a vida, quando as chammas, lambendo-lhe o seio e o rosto, lhe pousaram lá o primeiro e ultimo beijo, o beijo da morte!

Mas que importa tudo isto? estava salva a França, e salva por uma mulher. Podiam agora cumprir-se n'ella os grandes designios da Providencia: podiam agora brotar-lhe e arreigarem-se-lhe no seio todas as grandes ideias que tinham de lustrar depois o mundo n'um grande baptismo de verdade e de luz.

E que pêso tem na balança dos des-

tinos do mundo uma gotta de sangue mais vertido em prol dos homens? N'esse grande tributo de sangue pago pela verdade ao êrro, pela luz ás trevas não é a mulher quem menos lagrimas nem menos sangue tem dispendido. Esse que corria ainda quente confirmava mais uma vez esta verdade.

Agora a França, livre, contava mais uma martyr: agora tinha a mulher ainda uma vez mais o direito de exigir da humanidade preito e vassallagem. Joanna d'Arc, morrendo pela França, morreu tambem pela liberdade do mundo!

ISABEL DE CASTELLA

Cêrca de meio seculo depois um homem, pobre, obscuro, desprezado—só rico de uma ideia—atravessava as nações, fallando-lhes d'uma visão, e offerecendo aos reis e ao povos um mundo

novo em troca d'um barco que d'inutil, lhes apodrecesse nos portos.

Os povos riam-se—apontando o visionario, com aquelle riso estupido da turba que não intende, e os reis ouvindo no alto o ruido longinquo das gargalhadas das praças, chamavam o *louco* por um instante, e riam-se tambem, riam como a turba. . : só com mais desprêzo e escarneo.

Forão e serão sempre assim os reis: o povo—grande cerebro vão que só de seculo a seculo concebe uma ideia grande—tambem assim é: precisa primeiro morder a mão, que depois tem de beijar. . . mas estes são os verdadeiros reis. .

Outras vezes, d'um só golpe decepa a mão que beijára largo tempo: é a vez dos falsos reis. . .

Ora este homem era um rei do futuro. Com uma mão sobre o coração, e

os olhos lançados para além do oceano, aonde, vestida com as galas e pompas do seu luxo tropical, lhe accenava de contínuo a sua *amante*, deixava sereno ruirem em volta de si aquellas ossadas humanas, erguerem-se as tempestades d'aquelles odios: como das *outras*, dizia-lhe a voz do futuro que já lhe fallava n'alma, que tambem d'estas sahiria triumphador.

Era um *rei* aquelle, como só a intervallo de seculos os lança Deus ao mundo, similhantes a esses cometas gigantes que por millenios medem o largo curso da sua elipse. Ao astro errante temem-no, a elle . . .

Estava guardado para uma alma de mulher, n'este solo abençoado de Hespanha, quebrar o longo captiveiro de uma ideia de fogo, n'um cerebro que acabaria por consumir, se, passando a outro e outros não recebesse o último

baptismo, a confirmação da verdade—a traducção nos factos.

Isabel, a mulher da Hespanha, soube comprehender a Colombo, o homem da humanidade.

O resto, o final da tragedia, ainda hoje não esqueceu á simpathia das almas que comprehendem o que é morrer por amor d'uma crença.

E depois, Colombo não devia sobreviver á execução da sua obra. Terminada esta, instrumento e operario deviam desapparecer, que já não havia em porto algum do mundo convez de navio digno de suster o grande *navegador!*

A America estava descoberta!...

Ha um nome, que tem de andar eternamente vinculado ao de Colombo: é o que teve o unico ser que no mundo o soube comprehender; o unico Cyreneu que, por ajudal-o, partilhou a sua missão, e sujeitou os hombros áquella cruz

tão gloriosa mas tão pesada, d'uma ideia superior a um seculo.

Esse nome é o de Isabel.

Mulher, compadeceu-se d'um desconhecido, infermo d'uma crença, d'uma inspiração sublime: rainha, das alturas do throno, deu-lhe a mão, ajudando-o a escalar essa difficil cidadella do futuro. Com usura e generosidade lhe tem elle pago o que n'uma hora de sancto enthusiasmo concebeu e fez em seu favor: agora é Colombo que lhe allumia o vulto com um dos raios da sua gloria, lhe cinge a fronte com um louro tirado á sua: o forasteiro, outr'ora mendigo das côrtes, apresenta a rainha á posteridade!

Este é o melhor titulo d'esta mulher ao amor das gerações: mas tem outro ainda.

Quando a inquisição, essa Roma *pagan* na Roma catholica, que á similhan-

ça da Roma dos imperadores *lustrou* novamente a cruz com mais um baptismo de sangue, quando essa egreja de morte, aonde eram ministros, ministros da egreja de Christo, julgou que encontraria na Hespanha mais um circo para os seus especlaculos *dos christãos ás feras*; quando um rei fanatico contricto lhe offerecia novos campos que regar com o sangue generoso de seus filhos; quando julgavam a victoria certa, houve ainda uma voz na Hespanha que bradasse ao colosso «não!» houve um peito de mulher que se oppozesse ás hordas dos fanaticos, que irrompiam na peninsula, brandindo a cruz como se fôra instrumento de morte.

Esta voz, este peito de mulher, eram de Isabel a *catholica* (a).

(a) Sr. Herculano, *Historia do estabelecimento da Inquisição em Portugal.*

Pobre mulher! luctou muito, assaltada por todos os lados, gemeu, chorou... venceram-na por fim... venceu-a o seculo! mas foi nobre aquella lucta, nobre e generosa. Aquella derrota tem o valor d'um triumpho; cobre-a de louros immortaes. Quando se tem força para luctar assim com uma epocha, em nome d'esta grande ideia moral «o amor dos homens», é-se mais do que heroe... é-se martyr.

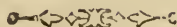
E' porisso que a memoria d'esta mulher bem merece da Hespanha e do mundo.

....

FIM

ANTHERO DE QUENTAL

ANTHERO DE QUENTAL

SOLDADOS DA REVOLUÇÃO

BARCELLOS
Typographia da *Aurora do Cavado*
Editor—*R. V.*
1896

Tiragem apenas de 100 exemplares.

20 em papel de linho,
80 em papel d'algodão

N.º 13

Em 1889 publicou o sr. Fernando Leal, o eminente poeta dos *Reflexos e Penumbras* e dos *Relampagos,* dous primores da nossa litteratura, *Os Soldados da Revolução* de Michelet, obra preciosa do

grande escriptor francez, precedendo-a d'um prologo superiormente bem pensado e bem escripto, pagina brilhantissima que para Fernando Leal não desmerece coisa alguma dos poderosos e scintillantes versos por elle firmados. Sobre esse livro, e agradecendo ao auctor o offerecimento de um exemplar, escreveu-lhe Anthero do Quental a carta que para este opusculo trasladamos do n.º 79, 2.º anno, do 1 de dezembro de 1889, da *Revista Popular de Conhecimentos Uteis*.

Antecedeu-a ahi o illustrado redactor da *Revista* com as seguintes palavras que gostosamente reproduzimos:

"A'cerca do prefacio do traductor, folgamos de poder, em vez da nossa obscura apreciação, offerecer aos leitores da *Revista* um valioso documento inédito, que representa uma levantada e auctorisadissima critica do alludido trabalho, feita por um dos nossos maiores pensadores e escriptores. E' uma carta escripta por Anthero do Quental a Fernando Leal.

"Os escriptos do grande poeta das

Odes modernas e do livro dos *Sonetos*, do eminente publicista das *Causas da decadencia dos povos peninsulares,* além do seu alto valor intrinseco, teem a realçar-lhes a valia estimativa o facto de serem infelizmente cada vez mais raros. E, se a raridade é um dos predicados que tornam precioso o mais precioso dos mineraes, os escriptos de Anthero não possuem menos os outros predicados que realçam o diamante: a rijeza e o explendor da fórma em perfeita harmonia com a idéa.

"No inédito que publicamos, comquanto seja uma simples carta particular, e por isso mesmo, admiram-se mais uma vez aquellas altas qualidades de um espirito propenso á critica superior dos factos e á synthese philosophica que de'lles deriva. E, na verdade, Anthero do Quental é de todos os escriptores portuguezes, senão o unico, sem duvida aquelle a quem melhor cabe o nome augusto de *philosopho;* embora n'um recente escripto lh'o tenha negado, com audacia e a irreflexão naturaes em verdes annos, um moço cri-

tico, aliás de grande talento, o sr. Guilherme Moniz Barreto„.

RODRIGO VELLOSO

SOLDADOS DA REVOLUÇÃO

Villa do Conde, 8 de fevereiro.— *Meu caro amigo.*—Obrigado pelo prazer que me deu com o seu prologo aos *Soldados da Revolucção*. E' excellente: pen-

sado, sentido e *escripto*. O Fernando é dos poucos que ainda sabem escrever em português. E quem sabe escrever e tem que dizer não deve estar calado. Escreva pois, que isso ha de fazer-lhe bem. O Fernando precisa *distrahir-se:* mas, para um homem do seu sentir, as *distracções* que servem aos outros não lhe podem servir. Só o pode distrahir o trabalho, esse grande narcotico, esse dictame, dom dos Deuses, sem o qual a vida dos homens que pensam intensamente seria intoleravel. Escreva, pois como quizer, sobre o que quizer, prosa ou verso, que já d'aqui lhe asseguro que nunca lhe ha de sahir cousa somenos. A conclusão do seu prologo é a de um moralista, e a unica que, no meio do naufragio de tantas esperanças, abrigará ainda as consciencias sãs; *fais ce que doit, advienne que pourra*. Mas não se entristeça de mais com o que vê. A burguezia deu o

que podia dar, não se lhe pode exigir mais. Uma classe nunca pode ser um apostolo: é simplesmente um elemento, uma força, cujo *acto* é determinado pela energia inicial. O que dará a democracia? Quem poderá dizel-o! E' o escopulo onde até hoje teem naufragado todas as sociedades. Será que a sociedade, em quanto dividida em classes, que reagem umas sobre as outras e mutuamente se estimulam, e em quanto essas classes teem, como taes, um fim a cumprir, uma aspiração, um ideal, será, digo, que a sociedade, n'essas condições, constitua um *meio* mais proprio para a producção do civismo e para a tempera dos caracteres? e que, realisadas aquellas ideias, cessando aquelle estimulo, o homem, que aquella lucta levantára como que acima de si mesmo, tenha fatalmente de cahir na condição primitiva, na do animal de que descen-

ce, só preoccupado com materialidades e visionices? Não sei: mas o que é certo é que não ha sociedade, por decadente e inferior, onde a virtude não seja possivel: e, se a virtude é o fim ultimo da vida, por conseguinte da sociedade, que não é mais que uma condição para que ella *possa* dar-se, direi que não ha sociedade completamente perdida, completamente inutil, visto que o fim supremo nunca deixa de se realisar. A nós, espiritualistas e estoicos, deve bastar-nos isso. Sejamos nós os que perante o Universo *justificam* a sociedade em que vivem, por podre que ella seja. Cumpra-se por nós o fim da humanidade, impulso primario de todas as sociedades, e aquella em que vivemos não terá sido, perante o Ser, inutil nem esteril. E mãos á obra. Do bem, ainda o mais invisivel, não se perde uma particula, nunca se poderá perder, atravez do infini-

to do tempo, atravez do monstruoso rodopiar das fórmas e dos acasos. Guarda-se e accumula-se, não sabemos como, na espiritualisação permanente do Universo. E' um *momento* na grande obra do Ser infinito, uma linha, uma pedra, uma areia, na estructura do seu grande edificio, e, pequeno ou grande, lá ficará eternamente.

Mãos á obra, pois, amigo, e nada de desanimar. Faça o que puder, que *Deus* não lhe exige mais, fazendo-o de boa vontade e de todo a coração. *Elle* ter-lhe-ha o pouco que fizer em tanta conta como o muito dos que podem mais. Comece por tractar seriamente da sua saude, considerando isso um *dever,* visto que é condição para o cumprimento dos outros. Depois verá. Entretanto, tome isso a serio e *distraia-se* escrevendo, que, por todos os lados, não será tempo perdido.

Quanto á associação editora dos litteratos, acho que é um pensamento sympathico, mas um dos mais irrealizaveis. O que propõe é a final uma Cooperativa de producção. Ora este genero de associação, pela sua mesma superioridade, exige condições nos trabalhadores associados que ainda hoje se não dão em classe alguma. Todas as Cooperativas de producção teem fracassado desastrosamente (e é por isso, entre parenthesis, que o capitalismo prospera, porque não ha ainda quem o substitua), ainda entre as classes trabalhadoras dotadas de mais senso pratico e moral e espirito de disciplina. Mas de todos os *trabalhadores* o litterario é justamente aquelle a quem mais faltam aquelles diversos sensos. Os calafates, ou ferreiros, ou trapeiros valem, n'este ponto de vista, infinitamente mais que os melhores litteratos. Considerar isto é considerar como

chimerica qualquer tentativa no sentido do seu artigo. E adeus.

Do seu do coração

Anthero de Quental

FIM

ANTHERO DE QUENTAL

ANTHERO DE QUENTAL

ALEXANDRE HERCULANO

BARCELLOS
Typographia da *Aurora do Cavado*
Editor—*R. V.*
1896

Tiragem apenas de 100 exemplares:

20 em papel de linho,
80 em papel d'algodão.

N.º 11

Em 1877 fez Anthero de Quental uma viagem a França, e por algum tempo residiu em Paris; pelos mezes de agosto e setembro d'esse anno. Coincidiu a sua estada ahi com o inicio da publica-

ção pelo sr. Salomão Sáragga, de uma illustração para Portugal e Brazil, denominada *Os Dous Mundos*, periodico verdadeiramente distincto no formato da *Illustration*, e competindo bem com esta nos primores de execução.

Convidado Anthero de Quental para lhe dar sua collaboração, acedeu ao pedido, escrevendo logo para seus dous primeiros n.os, sendo para o 1.º, sahido em 31 d'agosto, um artigo sobre Michelet, acompanhando seu retrato, e para o 2.º, artigo sobre Alexandre Herculano, acompanhando tambem o retrato d'este.

Havendo reproduzido o artigo sobre Michelet em anterior opusculo d'esta collecção, em que me proponho, quanto possivel me seja, reunir todos os trabalhos esparsos

do radioso poeta e eminente philosopho, cujo vulto litterario mais e melhor se avoluma, destaca e salienta do nosso meio, com cada anno que vae passando sobre sua morte, não só pelo enorme realce de sua propria virtualidade, como ainda pela pequenez, pouco menos do que absoluta, comparada com o grande movimento de livros e de escriptores que vão pejando o mercado e a republica das lettras, de tudo o que atraz d'elle ficou e após sua morte se tem succedido, não podiamos deixar de tambem para ella carrear o artigo sobre Alexandre Herculano e é elle o que se segue.

Rodrigo Velloso

ALEXANDRE HERCULANO

A morte de Alexandre Herculano não é sómente um luto para a litteratura portugueza: é um verdadeiro luto nacional.

Ultimo representante d'uma illustre geração, em quem o forte genio portuguez reverdeceu ainda n'este seculo com

uma seiva tardia, Alexandre Herculano era mais do que um grande escriptor: era, em toda a força dos termos, um grande homem, uma d'essas raras individualidades em quem se reflecte, como n'um espelho, o caracter d'uma raça, em quem um povo reconhece, por uma intima affinidade, a expressão genuina do seu temperamento intellectual e moral, nas idêas e nos sentimentos, nas qualidades culminantes e até nos defeitos caracteristicos.

Antes de tudo, Herculano foi isto: um *representative man*, como tão bem dizem os inglezes, o representante do genio do sua nação: e foi este intimo sentir de patriota, que penetrava o seu ser, decidindo dos seus gostos e das suas opiniões, que determinou irresistivelmemte a sua vocação litteraria. Escrever a historia do seu paiz não é, com effeito, entrar em communicação directa com

a alma nacional, viva e palpitante, para quem a sabe interrogar com amor, nas instituições, nos feitos, nas crenças, em todos os factos d'uma grande existencia collectiva? Foi esse amor, essa paixão, que lhe afinou o entendimento, abrindo-lh'o a uma sciencia nova, a uma critica alta e severa ao mesmo tempo que penetrante, e lhe armou o animo com a coragem necessaria para enterrar contente os melhores annos da existencia n'esse obscuro hypogeu da historia, onde muitos só encontram a satisfação d' uma curiosidade erudita, mas onde elle buscava ardentemente, como ensinamento e talvez como consolação, os reflexos d'aquella luz moral que sae das gerações fortes e creadoras.

E' que o historiador era tambem um poeta e um crente. O seu nobre espirito sentia-se confrangido na fria atmosphera do scepticismo e indifferen-

ça, que tantas vezes degeneram em pequenez moral, da nossa época perturbada, e refugio para o passado, onde entrevia figuras amigas, d'onde lhe fallavam vozes fraternaes, cuja linguagem rude mas sincera e grave elle comprehendia melhor do que os requebros artificiosos dos delicados do dia.

Na physionomia moral de Alexandre Herculano ha certas linhas que fazem lembrar o perfil energico e simples dos heroes typicos da nacionalidade portugueza. Pertencia a essa grande linhagem, que acabou com elle—e o seu seculo, admirando-o, considerava-o todavia com um certo espanto inintelligente, como se sentisse vagamente que aquelle homem pertencia a um mundo extincto, um mundo cujo altivo sentir já ninguem comprehendia.

E acabaram, com effeito, por não se comprehenderem.

O seculo, levado na carreira vertiginosa d'uma revolução moral e social cujo termo ninguem póde prever, escutava entre distrahido e impacientado aquella voz austera, que lhe fallava de virtudes esquecidas, de idêas que já não pareciam mais do que simulacros, de instituições em que já ninguem via mais do que engenhosos artificios—e espantava-se de encontrar tantas illusões unidas a tanto genio e tanta sciencia. Elle, pelo seu lado, persistia e como que se endurecia n'essas generosas illusões, que eram as crenças a que devotára a vida inteira, considerava entristecido mas não abalado, o espectaculo da vertigem e da corrupção contemporaneas, que talvez lhe parecessem providenciaes, e o seu amargo sorriso continha muitos desdens, mas nenhuma retractação.

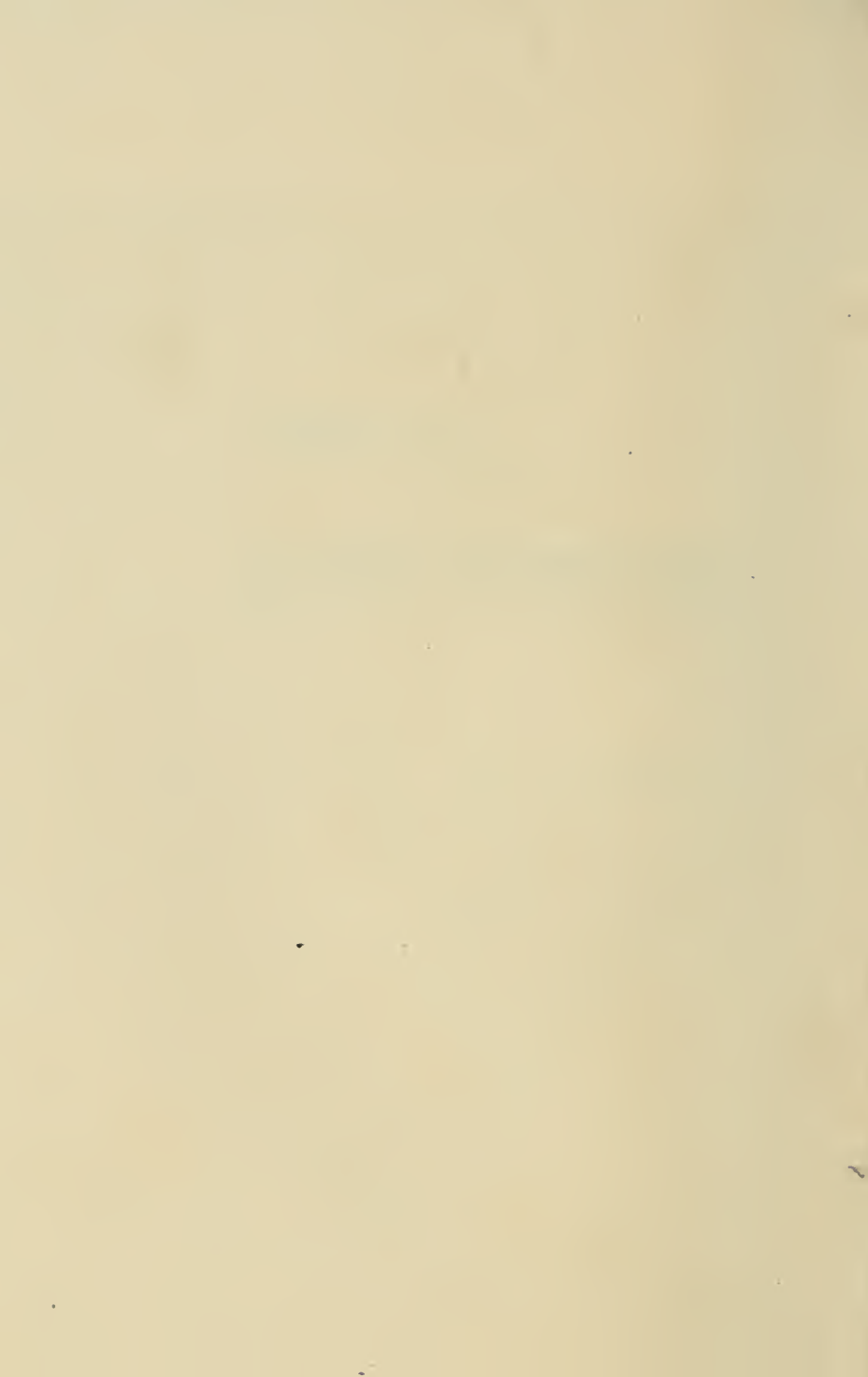
Só a morte podia pôr um termo a este dissentimento, que estava na natureza das coisas.

Não nos cabe a nós ser juizes entre um grande homem e uma época, que tantos acclamam gloriosa, em quanto outros persistem em têl-a por mesquinha. A historia (como ás vezes succede) dará talvez razão, ao mesmo tempo, á época, que não podia ser maior nem melhor do que as circumstancias a fizeram, e ao homem nobre e sincero cuja altiva integridade repugnava invencivelmente a que pactuasse com o abaixamento moral dos contemporaneos, embora tal abaixamento lhe parecesse providencial, preferindo a attitude isolada e austera do protesto e as más vontades que elle provoca nos caracteres vulgares, á influencia e dominação alcançadas pela connivencia com as paixões, os desvarios e os vicios da época.

Ha glorias mais brilhantes e ruidosas: nenhuma póde haver mais pura.

Paris, 25 de setembro de 1877.

ROBARTS LIBRARY

ANTHERO DE QUENTAL

CAT. D. SLIP

DONOR

Waterloo
Univ.

AUTHOR Quental, Anthero De

TITLE Liga patriotica do norte

AUG 0 1979

SERIES

JUN 22 1979

PLACE, PUBLISHER, DATE

Barcellos, 1896

DATE REC'D June 11/79

LOCATION Stks

EXTRA

RUSH

BDG INSTRUCTIONS

covers

M. DISTAD
BOOK SELECTION DEPT.

GIFT FORM (BOOK SELECTION DEPT.)

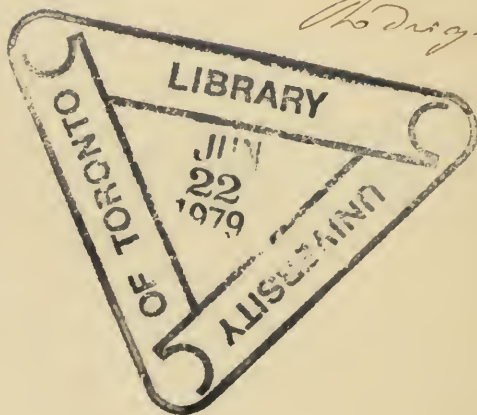
ANTHERO DE QUENTAL

LIGA PATRIOTICA DO NORTE

BARCELLOS
Typographia da *Aurora do Cavado*
Editor—*R. V.*
1896

Tiragem apenas de 100 exemplares:

20 em papel de linho,
80 em papel d'algodão.

N.º 12

O torpe e prepotente *ultimatum* de 11 de janeiro de 1890, apresentado ao nosso paiz pela Inglaterra, «a nossa fiel alliada» de tantissimos annos, medrada e engrandecida por essa alliança e desde que ella em má hora para nós começou, á custa de nossas riquezas, sob qualquer fórma que ellas constituidas e manifestadas, de modo que ao passo que com estas ella, a ilha ingrata, se foi opulentando, a passo igual foi o nosso pa-

iz decahindo e resvalando do mais preeminente lugar,do zenith, entre as nações no inicio dos tempos modernos, para o mais infimo e humilde lugar, para o nadir, nos tempos presentes, esse torpe e prepotente *ultimatum*,terrivel guante de ferro levantado pela mais poderosa das nações, formidanda por suas riquezas, por seu poderio, por seus nenhuns escrupulos, sobre a cabeça da mais empobrecida e enfraquecida d'ellas, não tanto pela idade, como pelas depradações e traições de seus proprios filhos e de estranhos, abriu motivo apparente—e só apparente,para o maior numero, ai de nós!—para uma como reviviscencia e rejuvenescimento do nosso paiz, que, ferido em sua justiça e em seus brios, de um extremo ao outro de seus

dominios, pareceu levantar-se, galvanisado pela dureza e brutalidade da affronta, decidido a conquistar no convivio e conceito das nações o posto a que o passado lhe dá incontestado direito, e a que a sua situação na Europa, e seus ainda vastos dominios em tres outras partes do mundo, lhe garantem *jus*.

Foi d'esse movimento vivo e unisono, e que se afigurara firme e duradouro, e por certo o seria, se não fosse trahido e contrariado pelos mais mesquinhos interesses, pelo mais miseravel egoismo, pelas mais feias e negregadas traições, que rebentaram espontaneas e vividas, entre outras muitas manifestações patrioticas, a subscripção Nacional e a Liga Patriotica do Norte, para presidir a cujos desti-

nos, assumindo sua direcção, ninguem foi julgado mais competente e mais no caso de bem o fazer, pelos predicados de seu passado, de seu talento e de seu amor patrio e pela austeridade de caracter, do que Anthero de Quental.

Convidado para essa presidencia e direcção acceitou-as, e superintendendo na organisação do Estatutos da Liga, chegou a crer e confiar nos destinos d'esta e em sua influencia benefica e decisiva para o levantamento do paiz, como bem o testemunhou no discurso que proferio em 7 de março d'esse anno de 1880 em sessão publica da Liga.

E' esse discurso o transcripto em seguida.

Rodrigo Velloso

LIGA PATRIOTICA DO NORTE

Meus senhores:—Em primeiro logar, cumpre-me agradecer á assembleia geral da "Liga Patriotica do Norte" a honra que me fez, nomeando-me seu presidente. Esta honra considero-a no momento actual como a maior que um cidadão póde receber dos seus concidadãos. Espero fazer da minha parte para que a "Liga"

me ache sempre á altura da confiança que o meu nome e os meus antecedentes lhe inspiraram.

Meus senhores, creio firmemente que a fundação da "Liga Patriotica do Norte„ será a primeira pedra do edificio da restauração das forças nacionaes. Não será esta porém uma obra de momentaneo enthusiasmo, mas de aturada paciencia, de patriotica e esclarecida perseverança.

O protesto contra o insulto e a villania da Inglaterra, e o proposito de nos libertarmos da sua aviltante dependencia, implica um esforço viril e persistente para sermos de facto independentes, o que hoje não somos nem politica, nem economicamente. A subscripção nacional, brilhante movimento d'uma paixão nobilissima, será apenas o inicio d'essa obra de resurreição do brio e das forças do povo portuguez. Se precisamos de armamentos, precisamos todavia de mais alguma cousa do que simples armamentos.

A vida actual, para ser automona e independente, tem de ser remodelada. A nação tem de emendar erros profundos e

numerosos, accumulados durante muitos annos de imprevidencia, de egoismo, de maus governos e de corrompidos costumes publicos. Esta situação é tanto mais grave, quanto gradualmente se foi estabelecendo entre a nação e os governantes um verdadeiro divorcio, divorcio ha muito latente e que a crise actual veio apenas patentear em toda a sua cruel realidade. Os governos, em Portugal, deixaram ha muito de representar genuinamente os interesses e o sentir da nação. Nem por isso, porém, a acção da "Liga„ será revolucionaria. Pelo contrario, a "Liga„ considera um tal divorcio como uma calamidade, e a sua acção tenderá a restabelecer a natural harmonia entre o pensamento nacional e o seu orgão, o Estado. Fóra das competições da falsa politica, que nos tem dividido e enfraquecido, mas por isso mesmo no terreno da verdadeira politica, que é a dos grandes interesses nacionaes, fóra dos partidos, porque superior a elles, a "Liga„ fará ouvir aos poderes publicos a voz da nação: e essa voz persistente, fir-

me e cheia de auctoridade obrigal-os-ha, por muito inveterado que seja o seu endurecimento, a converterem-se á sua verdadeira missão, que é a dos representantes e zeladores dos interesses da nação, e não só dos interesses materiaes, mas dos mais elevados, os interesses moraes, e entre estes preeminentemente o da dignidade nacional. A moralisação dos poderes publicos, tal é a primeira condição do renascimento e integridade da vida social portugueza.

Por outro lado a "Liga„, filha da opinião publica, e inspirando-se n'ella, devolverá á sua inspiradora o seu proprio pensamento refundido, tornado claro, consciente e pratico. Todos os alvitres, que a opinião popular suggira, serão aqui estudados, revestidos, completados. D'elles sahirá um plano de emancipação economica, de restauração das forças porductoras, de levantamento do nivel intellectual e de garantia e defeza da integridade nacional, plano de ordem, justiça e moralidade sociaes, que significará, ao mesmo tempo, a emenda dos passados er-

ros e a esperança d'um futuro em que Portugal retome entre as nações civilisadas um logar digno das suas nobres tradições. Esse plano terá por certo a adhesão do paiz, que verá n'elle a expressão consciente do seu pensamento e das suas necessidades. A nação fal-o-ha seu e saberá impol-o aos governantes. Contra a vontade unanime do paiz não prevalecerão as artes corruptoras, com que uma oligarchia das menos escrupulosas, aproveitando-se do indifferentismo e desleixada tolerancia a que a nação se entregara, (reconheçamol-o com contricta sinceridade) como quem abdica do seu direito e dignidade, conseguiu apossar-se da alta administração e do governo, para nos conduzir, no fim de 30 annos de materialismo politico, á beira de um abismo onde nos encontramos.

Taes são, senhores, os altos intuitos da "Liga Patriotica do Norte„. Resumindo-os, como acabo de fazer, cuido ter interpretado fielmente os vossos unanimes sentimentos. Sahida do vehemente movimento de indignação popular contra uma

affronta que revelou á nação a sua propria fraqueza em face da arrogancia dos fortes, a "Liga„ propõe-se dar a esse movimento um caracter permanente, disciplínal-o e alargal-o até ás proporções d' um programma de reforma nacional.

As garantias efficazes de defeza da sua integridade e de respeito da sua dignidade não póde a nação encontral-as senão n'uma profunda reforma da legislação e costumes. Radicou fundo no animo de todos este pensamento. A' "Liga Patriotica do Norte„, assim como ás Associações congeneres, que sem duvida se vão formar por todo o paiz, cumpre agora tornal-o effectivo, dar-lhe forma pratica e impol-o como a ideia directora d'uma era de renovação nacional. Por arduo e trabalhoso que seja este grande encargo, o patriotismo de todos os membros da "Liga„ estará a altura d'elle.

Por amor d'este fim supremo, sacrificaremos todos no altar da patria intuitos e preferencias particulares, dissidencias, azedumes e suspeições, triste legado d' um periodo de mesquinhas luctas, que

entibiaram ainda os melhores, e unidos n'um commum ideal, seremos fortes por essa união indissoluvel, tão indissoluvel, como a unidade da patria, cujo sentimento nos inspira a todos, sem distincções.

Terminarei, senhores, dando-vos conta dos meus actos, como presidente da "Liga Patriotica do Norte."

Em primeiro logar, como presidente da vossa commissão encarregada de elaborar as bases do estatuto da Liga, esforcei-me por que esta nossa lei fundamental exprimisse com a maior clareza e da maneira a mais pratica o pensamento systematico e essencialmente popular e patriotico da Liga. Foi-me esse esforço tanto menos custoso, quanto encontrei na vossa commissão e em cada um dos seus membros luzes, dedicação e unidade de pensamento, posso bem dizel-o, completas. Reconhecereis tambem, que, apesar do nosso ardor, nos não era possivel desempenhar-nos do nosso encargo n'um periodo de tempo mais curto, se considerardes que a obra que nos incumbistes, além da sua complexidade, apresentava

certos problemas delicados de organisação que precisavam ser attentamento estudados. Ella vos foi já apresentada, e ides julgal-a. Nada mais devo accrescentar a este respeito; senão que ella representa o melhor não só da nossa intelligencia como dos nossos sentimentos.

Em segundo logar, entendi do meu dever representar ao governo de sua magestade, em nome da "Liga Patriotica do Norte„, e pelos motivos que todos conheceis, sobre a necessidade de ser retirado o *exequatur* ao consul inglez n'esta cidade. A vossa commissão installadora, por um voto unanime, adheriu a esta minha iniciativa. Não vos encobrirei, senhores, que redigindo aquelle documento a minha confiança na firmeza patriotica dos membros do actual governo, confiança que a todos os portuguezes deve, em principio, merecer qualquer governo portuguez, não podia ainda assim destruir completamente no meu animo certas apprehensões e como que um presentimento de que a nossa representação não seria coroada de bom exito. Eram-me bem conhecidas as

circumstancias, umas mais antigas, outras actuaes, que reduzem quasi fatalmente os governos de Portugal a um estado de timida dependencia perante o governo inglez. Entretanto, além de que sempre se deve tentar o que é justo, animava-me um tanto a consideração da attitude energica e que eu não tinha rasões para não suppor patriotica, assumida pelo actual presidente do conselho de ministros, tanto no conselho de estado como na imprensa, logo ao rebentar do conflito anglo-portuguez.

Desgraçadamente, não eram mentirosos aquelles meus tristes presentimentos. A resposta do Presidente do Conselho á nossa representação, se attesta o empenho e bons desejos de S. Exc.ª em obter algum desaggravo para a dignidade nacional, dá ao mesmo tempo testemunho das insuperaveis difficuldades que rodeiam o assumpto, e é, para quem bem lêr aquelle papel, uma lamentosa confissão da impotencia do Governo portuguez em face das arrogantes imposições do Governo inglez.

O Governo portuguez está inerme e coacto. E' esta a cruel verdade. Convém que se diga bem alto e que todos d'ella se compenetrem. E' tal actualmente a nossa fraqueza e dependencia, que ó Governo portuguez não póde sequer conseguir esta cousa simplissima: a liberdade no uso do seu direito e a reparação, ainda moderada, d'um aggravo á dignidade nacional. O Governo inglez entende impôr-nos o seu consul insultador, e a nação portugueza tem de acceitar esta odiosa imposição. O governo portuguez, embora gemendo, nol-o dá sufficientemente a entender!

Ah, Senhores! quanto custa a um coração portuguez ter de reconhecer esta odiosa fatalidade! Mas devo reprimir os impetos da indignação, para só attender á voz austera e salvadora da razão. Sim, tenhamos a coragem de reconhecer essa cruel fatalidade, porque este reconhecimento será para nós salutar. Não recriminemos, não augmentemos ainda mais as funestas divisões que tanto nos têm enfraquecido. Saibamos antes tirar d'este

facto desolador o ensinamento que elle contém. Comprehendamos por elle que o abysmo de fraqueza e humilhação, em que cahimos, é ainda mais fundo do que suppunhamos, e que para sahir d'elle precisamos redobrar de energia e patriotica dedicação. A desforra de tamanhas affrontas vem longe ainda mas será segura, se soubermos preparal-a com firmeza, união e perseverança.

A attitude que nos convém não é a do protesto violento e esteril: é a da concentração da vontade, applicando-se indefessa até conseguir, pela força e independencia reconquistadas, a desafronta, o socego e a dignidade. Se ainda fossem necessarias provas, esta ultima humilhação nos provaria quanto o pensamento da "Liga Patriotica„ é unico e salvador; quanto é necessario e inadiavel que unidos n'esse só pensamento, todos os Portuguezes trabalhem sem descanso pelo levantamento da nossa infeliz patria, hoje ludibriada e sem defeza. Coragem, paciencia e esforço: tal deve ser d'ora avante a nossa divisa. Se a seguirmos á risca, o

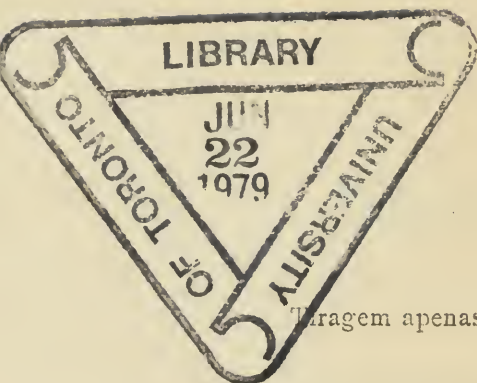
futuro, um nobre futuro, digno do nosso nobre passado, nos recompensará amplamente pelos sacrificios do presente.

ANTHERO DE QUENTAL

ANTHERO DE QUENTAL

OS CRITICOS DO FAUSTO

(Carta ao Ex.mo Sr. J. Gomes Monteiro)

BARCELLOS
Typographia da *Aurora do Cavado*
Editor—*R. V.*
1896

Tiragem apenas de 100 exemplares:

20 em papel de linho,
80 em papel d'algodão.

N.º 13

Em 1872 sahiu a lume no Porto em nitidissima edição da antiga e acreditada Livraria Viuva Moré, á frente de cuja gerencia então se encontrava o distinctissimo homem de lettras, José Gomes Monteiro, o *Fausto,* poema dramatico de Gœthe, trasladado a portuguez pelo Visconde de Castilho, Antonio Feliciano de Castilho, um dos mais preeminentes vultos da nossa litteratura, tão injusta e descaroavelmente votado ao olvido por muitos que não o leram, e não lhe apreciaram, pois, o alto valor, ou que,lendo-o,não souberam ou não poderam aprecial-o,por falta de intelligencia para isso, ou por trans-

viados em trilhos falsos e invios.

Na «Advertencia» com que Castilho precede o seu trabalho de trasladação, com toda a franqueza confessa sua ignorancia inteira da lingua allemã, mas ao mesmo tempo procura defender a fidelidade de sua versão, com o ter-se servido para ella, como de fundo e base, de traducção que do celebrado poema havia feito, com grande cuidado e trabalho, seu irmão José Feliciano de Castilho, um dos espiritos mais vastos e cultivados que entre nós raiou no presente seculo, e ter em seu trabalho sido ainda auxiliado com diversas traducções portuguezas e francezas.

Seguidamente á vinda á luz d'essa trasladação do *Fausto*, appareceram em diversos periodicos artigos exaltadores do magnifico tra-

balho de Castilho, firmados por Anthero de Quental, Camillo Castello Branco, Pinheiro Chagas e Alberto Pimentel, publicando tambem sobre elle o sr. F. Adolpho Coelho uma critica muito azeda na sua *Bibliographia Critica*, e o sr. Joaquim de Vasconcellos um compacto volume de 594 paginas, com o titulo de *O Fausto de Gœthe a traducção do Visconde de Castilho*, em que pelas ruas da amargura põe o inclito autor da *Primavera*, dos *Ciumes do Bardo* e de tantas obras primas da nossa litteratura.

Em defesa de Castilho e do seu *Fausto* desceu á liça José Gomes Monteiro com um volume de 190 paginas, editado pela Casa Viuva Moré, intitulado *Os criticos do Fausto do sr. Visconde de Castilho*, a que replicou o sr. Joaquim de Vasconcellos

com tomo de 209—VIII paginas, denominado *O consumado germanista (vulgo o sr. José Gomes Monteiro) e o Mercado das lettras portuguezas.*

E' esta uma das mais curiosas polemicas litterarias do nosso paiz.

Em agradecimento a José Gomes Monteiro por um exemplar que este lhe offerecera d'esse seu *Os criticos do Fausto e o Visconde de Castilho*, escreveu-lhe Anthero de Quental a carta que em seguida damos. Não é inteiramente inedita pois que em 1873 d'ella se fez uma tiragem da quinze copias unicamente, mas é mui pouco conhecida, e por isso e por que interessantissima para a a historia da referida polemica, entendemos dever trazel-a a esta collecção.

Rodrigo Velloso

OS CRITICOS DO FAUSTO

Ponta Delgada, 22 de julho, 73.

Ex.mo Sr. J. Gomes Monteiro

Desculpe-me V. Ex.a a demora d'estes meus sinceros agradecimentos pela offerta do seu livro: mas, não sei por que circumstancia. só depois da saída do paquete o recebi. Será necessario significar-lhe o muito gosto com que o li?

Não, porque V. Ex.ª me tem por certo na conta de apreciador de tudo quanto é verdadeiro, sensato e digno: e o seu livro é tudo isto, sendo ainda, além de tudo isto, uma obra de justiça e caridade—e tomo esta ultima palavra no rigor do seu sentido evangelico, quero dizer, importando um sacrificio, porque foi por certo sacrificio caridoso da parte de V. Ex.ª, com o seu humor placido e tolerante, os seus annos e a sua respeitabilidade, descer até aquelles sujos liliputianos, embora para os corrigir e alumiar. Mas, infelizmente, creio-os incorrigiveis; porque além do erro da intelligencia ha n'elles (vim a conhecel-o) uma perversão irremediavel e funesta—o azedume das mediocridades impotentes e invejosas.—Quem nos déra muitas d'aquellas lições aos tagarellas malevolos, que por ahi campam de sabios, só porque dizem necedades com um entono e uma auda-

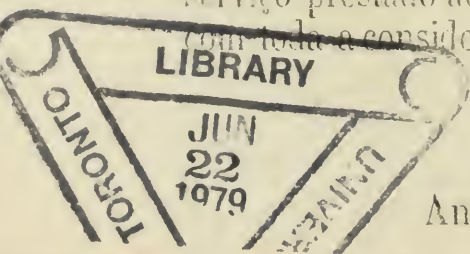
cia que falta aos ignorantes modestos! E não é por lhes querer mal que lhes desejo d'aquellas correcções; é pelo contrario, por lhes querer ainda algum bem —é, sobretudo, por vêr quanto estes vendilhões, com as suas *pomadas florestaes* do mais charlatanesco germanismo, desacreditam, no animo das gentes ignorantes ou superficiaes, o verdadeiro elixir de longa vida da sciencia e da philosophia! O livro de V. Ex.ª foi um verdadeiro serviço prestado á razão vacillante dos incautos e credulos, que aquella boa gente parece que se apostou a intoxicar de todo com as fumaças do corrosivo absintho, que lhes ministra, como se fosse cordeal e balsamo maravilhoso. Deus se amerceie de nós! E são estes os *representantes* da geração nova, que tanto tem a fazer, e que se alguma coisa fizer será só por meio do estudo sincero, da largueza d'animo, n'uma pa-

lavra, da virtude intellectual e moral! Protesto e protestarei sempre contra taes falsos prophetas, em vez dos quaes preferira mil vezes a propria burra de Balaam! Mas os *novos* não são os que nasceram em tal dia e tal anno: tenham que idade tiverem, os *novos* são só os que dizem coisas proprias de intelligencias sans e vigorosas, de corações altos e puros. O resto, pouco importa a certidão de baptismo, nem sequer é velho; é decrepito, é cadaveroso; *sepulchra dealbata.*

Ponho ponto aqui. Agradeço, como individuo, a offerta do seu volume, e como escriptor agradeço a obra boa e o serviço prestado ao senso commum. Sou, com toda a consideração,

De V. Ex.ª
cr.º m.to obrg.º

Anthero de Quental

LIBRARY
JUN 22 1979
TORONTO
UNIVERSITY

ANTHERO DE QUENTAL

ANTHERO DE QUENTAL

JULIO MICHELET

BARCELLOS
Typographia da *Aurora do Cavado*
Editor—*R. V.*
1896

Tiragem apenas de 100 exemplares;

20 em papel de linho,
80 em papel d'algodão.

N.º 13

Anthero de Quental foi sempre, desde os seus tempos de Coimbra, um grande admirador de Julio Michelet, assim como o era de Edgar Quinet, seu irmão d'armas na valente lucta que trava-

ram, ambos professores do *Collège de France*, contra os Jesuitas, e d'essa admiração incondicional áquelle votada deu eloquente testemunho no artigo com que acompanhou o retrato do eminente philosopho e preclarissimo historiador, um dos primeiros entre os primeiros do presente seculo, estampado no n.º 1.º dos *Dous Mundos*, excellente e primoroso periodico literario illustrado que em Paris começou a publicar-se em 31 d'agosto de 1877, sob a direcção de seu proprietario, o sr. Salomão Saragga, tendo por gerente em Portugal o incansado, emprehendedor e benemerente editor, sr. David Corazzi, e que sua existencia terminou no fim de oito annos, sendo-lhe director o sr. Mariano Pina e proprietario o dito sr. David Corazzi.

Foram os *Doas Mundos*, por sem duvida, e como taes devem ser memorados, tanto por seu valor e merito extrinsecco, como pelo intrinsecco, um dos melhores periodicos vindos a lume, em nossa lingua, no estrangeiro.

Esse artigo ahi publicado, por Anthero de Quental sobre Michelet, trazemol-o hoje para a collecção das suas monographias, que todo o empenho temos e pômos em constituir o mais completa possivel, tendo para nós que verdadeiro e meritorio serviço com ella prestamos ás lettras patrias e sobretudo aos muitos admiradores do genio vastissimo e privilegiado do eminente poeta e distinctissimo prosador, muito mais que algumas das especies n'ella entradas inteiramente desconhecidas, ou sendo-

o apenas de um limitado numero de collecionadores.

Rodrigo Velloso

JULIO MICHELET

Não cabe nas dimensões, nem quadra á indole d'esta publicação um estudo critico sobre Michelet, historiador e philosopho. Não tentamos pois aqui explicar o pensamento e aquilatar o alto

valor scientifico e philosophico d'uma das obras litterarias mais vastas d'este seculo—aliás tão fecundo em obras vastas—uma das mais ricas de originalidade criadora, de intuição e profundeza, ao mesmo tempo que assombrosa de erudição renovadora e variadissima. Contentar-nos-hemos apenas com encarar (e ainda assim quasi de relance) pelo seu lado mais accessivel ao grande publico. pelo lado por assim dizer exterior, esta grande e sympatica personalidade litteraria.

Suppomos que o leitor conhece mais ou menos os dados principaes da biographia de Michelet. Não ignora, provavelmente, que nasceu de paes pobrissimos n'um dos ultimos annos do seculo passado e em Paris, no meio do tumulto guerreiro e politico d'aquelle periodo agitadissimo. Como que a paixão e energia indomavel da epoca se reflectiram na pre-

destinada creança, moldando-lhe a indole para as grandes luctas e os arrojados pensamentos. Quasi só, passando parte do dia entregue a trabalhos manuaes, o corajoso pequeno consagrava ao estudo quantas horas da noite podia furtar ao somno e conseguia adquirir d'este modo uma educação classica regular e solida. Em 1824 encontramol-o já vantajosamente reputado no mundo litterario pela edição *Sciencia Nova* de Vico e por aquelle seu admiravel livrinho, *Précis de l'histoire moderne*, onde alguma coisa fazia já presentir a originalidade genial do futuro historiador da França. Pouco depois, sentava-se como professor na de historia da Escola Normal Superior, illustrada por Lakanal e Daunou—joven professor quasi tão moço como os seus ouvintes.

Mas em 1830, ao estrondo tragico do throno dos Bourbons, desabando no

meio do enthusiasmo d'um mundo novo que surgia, é que verdadeiramente desabrocha o pensamento de Michelet, que o seu genio toma posse da região onde devia dominar. A' grande luz dos *tres dias* heroicos de julho, Michelet entreve, como n'um relampago, a missão historica da França, sente-se penetrado como uma pythonisa pelo espirito renovador do seculo e adquire aquelle condão, que ninguem possuio como elle, o condão por excellencia do historiador, aquella especie de espirito prophetico retrospectivo, que faz sentir, comprehender, adivinhar o crer e viver intimo das idades idas e permitte reconstruil-as, quasi ressuscital-as. E' então que começa a escrever a obra gigantesca da *Historia da França*, que devia proseguir, sem levantar mão, durante 43 annos, isto é, até á sua morte absorvido o operario na obra e por ella consumido.

Durante este largo periodo a influencia de Michelet sobre o espirito do seculo não fez senão crescer: e todavia, o homem que assim dominava no mundo do pensamento era um homem pessoalmente quasi obscuro, vivendo retirado n' um bairro longinquo da grande capital, pobre, mal visto pelos poderosos do dia, sem posição politica, sem salão, sem *coterie*—um humilde, um monge, um santo! Vio-se este bello espectaculo: o imperio dos espiritos conquistado e mantido pelo puro espirito!

Ha só um momento em que Michelet toma parte activa nas luctas do dia: de 1844 a 48 move, em companhia de Quinet e de Miczkewicz, o grande poeta da Polonia, aquella ardente cruzada contra o jesuitismo, contra a invasão surda e insensivel, mas tenacissima, da reacção ultramontana no terreno do Estado, da educação e da familia. Foi o

primeiro grito de alarme, soltado em frente do grande inimigo do seculo, quando ainda encoberto e mascarado parecia coisa pouca e insignificante. Os habeis politicos e optimistas sorriram-se então da *phantasia exageradora* dos tres philosophos. São tres poetas! diziam. Que dizem hoje?

Pertencem a esse periodo de lucta os livros *Le Peuple, Les Jésuites* e *Du Prête, de la Femme et de la Famille,* essa maravilhosa analyse psychologica e historica da influencia do confessionario e da direcção espiritual na familia e no Estado. Publicado no meio das tempestades da controversia politica, traduzido em todas as linguas da Europa, este livro forneceu o pretexto ao governo reaccionario, presidido por Guizot, para demittir Michelet da cadeira de professor de historia moderna no Collegio de França. Como se podessem tapar

aquella bocca inspirada, tirando-lhe o pão de cada dia!

A Republica ephemera de 1848 reinstalou Michelet na sua cadeira de professor. Mas em 1851, depois do golpe de Estado, o honrado philosopho pedio espontaneamente a sua demissão, não querendo receber um salario da mão impia d'um governo, que escorria sangue innocente aleivosamente derramado. Causava-lhe horror aquella aguia carniceira dos Napoleões.

O periodo que vai de 1851 a 74, data da sua morte, não foi o menos fecundo da vida de Michelet. É então que, ao mesmo tempo que conclue o grande monumento da Historia de França, deixa cair da penna inspirada, como a desdem, aquellas joias litterarias d'um lavor tão fino e tão raro, *L' Amour, L' Insecte, l'Oiseau, La Sorcière, Bible de l' Humanité, Nos Fils,* tratando ora a his-

toria dos homens, ora a natureza com o espirito d'um vidente e a erudição d'um sabio.

Não cabe aqui, já o dissemos, estudar uma por uma todas as obras, algumas profundas, outras formosissimas, criticando-as e separando as idêas fecundas e resultados positivos de certas fantasias brilhantes, mas aventurosas, que por ventura n'ellas se encontrem. Bastanos caracterisar, d'uma maneira geral, a *maneira* do grande historiador e philosopho, indicando aquillo que dá á sua obra e á sua personalidade litteraria uma physionomia tão particular, aquillo por que se distinguem entre todas.

Michelet possuio, como ninguem n'este seculo, o sentimento da *realidade viva*, da *verdade natural*, esse condão dos grandes poetas e dos grandes artistas, que lhes faz adivinhar, com uma intuição quasi infallivel como um instin-

cio, o ser intimo de tudo quanto tem ou teve vida, na natureza e na humanidade. A larga e lucida sympathia do seu genio fazia-lhe descobrir, atravez das formas opacas, a energia interna na qual reside o segredo da actividade e originalidade dos seres capazes de acção propria. Como que sabia sair de si, para viver momentaneamente a vida dos outros seres e reproduzil-a depois inteira, palpitante, actual. A erudição e a sciencia não eram para elle um fim, mas um meio: o instrumento com que penetrar além da realidade exterior e morta, até á realidade intima, a alma das coisas, dos homens, das idades historicas. Como Platão, procurava em tudo a *idéa*: mas essa idêa, em vez de ser abstracta, como a do philosopho grego, era concreta e activa, era a essencia mesma das coisas.

Foi com estes dons de poeta e vi-

dente que Michelet escreveu a historia. Animar, ao calor d'uma imaginação inspirada e profunda, as idades idas, evocal-as, tal foi o condão originalismo do seu genio. Elle mesmo, vendo na historia mais do que uma fria *narração* de factos, ou uma secca *analyse* de instituições, ousou definil-a *uma resurreição.*

Notem outros os inconvenientes d'este methodo, por assim dizer inspirado, e apontem com mão ciosa as lacunas do monumento litterario em que Michelet encerrou não só a sua intelligencia, mas a sua alma inteira. Nós diremos que foi só nos seus livros que chegamos a comprehender o que a historia offerece de mais difficil a comprehender-se: a significação, o pensamento, o sentir das idades primitivas, dos periodos legendarios, em que surgem obscuramente as grandes criações populares e espontaneas—os vastos movimentos das raças,

que se chocam ou sobrepõem, as tradições, que se transmittem e degeneram em lendas, as crenças, que se transformam, as instituições, que se degradam, revolucionam e renovam, as nacionalidades, que surgem como apparições á grande luz da historia, e as idéas, que se relevam á consciencia dos povos, no meio de tempestades seculares. E' n'esta alta região, ao mesmo tempo poetica e philosophica, que triumpha o genio de Michelet. A prosa do historiador guinda-se então naturalmente ás alturas da epopeia: desdenhando os processos artificiaes da *cor local*, e do *pittoresco*, attinge o bello e a verdade pelo movimento vivo: pela impressão quasi directa da realidade, como se fôra uma testemunha occular.

Sainte-Beuve caracterisou perfeitamente esta *maneira* tão original, e inimitavel como tudo quanto é genial, quando

disse de Michelet: «que tentára escrever a historia de França com uma successão de relampagos e conseguira o intento». Ha, com effeito, no seu estylo, o que quer que é agitado, intermittente, cortado, como no estylo dos prophetas, que, inflados pelo sopro dominador do Espirito, saem a cada instante fóra dos moldes pautados do discurso regular. E Michelet era, de facto, propheta; propheta do passado; agitava o um sopro de ardente inspiração: o Espirito da humanidade.

E' por isso que abrangia facilmente, na sua vasta sympathia, tudo quanto é humano, superior ás rivalidades de raças, aos preconceitos nacionaes. Podia applicar a si o verso do comico romano:

Homo sum, nihil humanum a me alienum puto.

As raças opprimidas, as nações que

luctam para conquistar a existencia historica, encontraram n'elle um interprete eloquente das suas reclamações, das suas dôres, do seu pensamento menosprezado. Elle, que estudára na historia o genesis doloroso e obscuro das grandes nacionalidades modernas, comprehendia aquelles queixumes e aquellas imprecações, e clamava á Europa que o abandono egoista da Polonia, da Romania, da Bohemia equivalia a um fratricidio. *Légéndes démocratiques du Nord* e *Pologne martyre* são livros que deram ao nome de Michelet n'aquelles paizes opprimidos, uma aureola de popularidade e amor, quasi tão brilhante como a dos heroes e martyres da patria.

Michelet pertence ao numero escolhido d'esses altos espiritos, que a França tem tido o privilegio de produzir em quasi todos os seculos—grandes escriptores francezes, pelo cunho de naciona-

lidade do pensamento e do estylo, e ao mesmo tempo mais do que escriptores francezes, escriptores europeus, universaes, pela largueza e generalidade dos conceitos, pela attitude propagandista e philosophica, sobretudo pela sympathia facil e franca com que abrangem o lado humano e universal das ideias e dos acontecimentos. A Europa adopta-os, revindica-os como seus, e cada nação recebe docilmente a influencia e direcção d'esses mestres, que só se impõem pela sympathia.

O que succedeu com a Italia, com a Hungria, com a Romania, e até certo ponto com a Inglaterra e a propria Allemanha, succedeu tambem com Portugal. Michelet é um dos mestres de mais incontestada auctoridade para a geração nova; não ha uma unica intelligencia, dotada de certa elevação e cultura, entre os homens que não contam ainda

40 annos, que não recebesse, mais ou menos intensamente, o influxo d'aquella palavra eloquente e penetrante. Foi com elle que aprenderam o segredo d'aquelle espirito renovador da historia, ao mesmo tempo critico, philosophico e poetico, e que ás vezes com a luz do passado allumia tão profundamente o horisonte do futuro. Foi com elle que apprenderam a vêr e amar na Natureza uma existencia espontanea, uma *vida* universal, e não uma successão de formas inertes, e na Humanidade, uma razão e uma consciencia collectivas, uma *alma*, e não um mecanismo ou uma abstracção. Foi com elle, finalmente, que aprenderam aquelle criterio supremo, em que se combinam a philosophia e a experiencia, e que consiste em marcar por limite ao espirito de systema, por mais logicamente deduzidas que sejam as formulas do systema, as affir-

mações espontaneas da consciencia moral.

Isto, enunciado, pode a alguns parecer pouco. Tenho para mim que é muitissimo. O tempo se encarregará de mostrar praticamente a fecundidade d'este ponto de vista. A verdadeira philosophia foi e será sempre um alto e largo eclectismo, em que os dados da razão pura se combinam com as affirmações do sentimento moral, limitando-se e corrigindo-se mutuamente. O espirito de systema pode brilhar na escola: mas na vida e na historia só triumpha definitivamente e faz obra fecunda o espirito pratico e *humano*.

Tal é a lição que resulta conjunctamente da doutrina e da vida de Michelet. Os que chegaram a comprehendel-a sabem quanto ella vale e quanto reconhecimento devem á memoria d'aquelle que a deu, não só com a palavra, mas

com o exemplo d'uma existencia nobre e pura até á santidade.

Aqui, n'esta grande capital da intelligencia, onde elle trabalhou e ensinou, um dos seus discipulos portuguezes folga de poder assignar esta pagina humilde, consagrada á memoria d'um dos primeiros e, porventura, o mais querido entre os mestres da nova geração.

Paris, 4 d'agosto de 1878.

ANTHERO DE QUENTAL

ANTHERO DE QUENTAL

INTRODUCÇÃO A UMA POESIA DE D. HENRIQUETA ELISA

BARCELLOS
Typographia da *Aurora do Cavado*
Editor—*R. V.*
1896

Tiragem apenas de 100 exemplares:

20 em papel de linho,
80 em papel d'algodão.

N.º 18

Rodrigo Velloso

Anthero de Quental contemporaneo na Universidade, amigo intimo, e companheiro inseparavel. communungando nas mesmas ideias litterarias, e poderemos dizer até politicas, então, de Germano Vieira Meirelles, um dos mais vigorosos talentos da geração aca-

demica de 1858 a 1863, continuou ainda, após a formatura d'este, que se realisou em 1863, formando-se Anthero em 1864, a manter com elle as mais intimas relações, manifestadas por todos os modos, tanto na vida intima, como na vida publica, relações que, depois da morte de Germano, se traduziram em incondicional protecção aos orphãos, filhos seus, que ao desamparo então ficaram, e de que Anthero se constituiu como que Pae, sustentando-os, educando os e instituindo-os seus herdeiros no testamento com que se finou.

Logo em seguida á sua retirada de Coimbra Germano Vieira Meirelles fundou em Penafiel, sua terra natal, um periodico denominado *Seculo XIX*, levantando-o desde seu primeiro n.º não só com sua

penna, mais anda com a de muitos de seus amigos de Coimbra, a uma plana elevada, contando-se entre seu collaboradores Anthero de Quental, João de Deus, Alberto Sampaio, Antonio de Azevedo Castello Branco e outros.

E' do seu n.º 28 que transcrevemos a seguinte prosa de Anthero, com que elle ahi precedeu uns versos de D. Henriqueta Elisa, poetisa por então muito festejada, sobretudo em Coimbra, denominados—*Lembras te?*

Rodrigo Velloso

INTRODUCÇÃO A UMA POESIA DE D. HENRIQUETA ELISA

Um nome de mulher purifica a pagina onde se escreve, como uma só planta d' áloes perfuma uma floresta inteira.

Os dedos grosseiros da critica não têm que ver com estas finissimas, impalpaveis teias de seda, suspendidas entre flores, onde o ceo deposita as perolas dos seus rocios da madrugada. São inviolaveis como o mysterio, porque são misteriosas como a verdadeira belleza

estas poesias, que as mulheres escrevem como nós choramos—quando as mulheres sabem chorar. . . como nós escrevemos.

—Basta ter um coração. Um coração feminino! não ha principio de esthetica transcendental, a mostrar-nos o caminho do Bello, como esta bússola d'oiro sempre virada para o Norte mysterioso do sentimento.

A ideia do homem corre desa'inada, como folha solta da arvore, impellida por aquelle vento rijo e frio que se chama Duvida.

Mas a intuição da mulher, como pomba que vôa direita ao ninho, sem bem vêr, sem bem saber como, atina logo com a corrente d'ar que a ha de levar ao ultimo horisonte da harmonia.

Quem advinha é a alma: a Sybilla da humanidade, que prediz as quedas e as tristezas do coração! a feiticeira do mun-

do, que deita as sortes e ensina o caminho da felicidade perdida!

Como é flôr tudo o que cai da amendoeira em chegando a primavera, assim é poesia e belleza a chuva de flores ou lagrimas, que a alma, sacudida pela inspiração, deixa cair sobre o solo duro da vida.

Ora na mulher tudo é alma. Um seu cabello que o vento levasse correndo pelo espaço, seria isso bastante para encher o Universo de mais espiritos do que sonharam Milton e Klopstok. Um seu olhar, se o ceu se despovoasse de seus anjos, seria o bastante a povoal-o de novo das suas miriades.

Eu creio de fé na belleza d'estas poesias, que as mulheres escrevem com mão tremula, todas inclinadas sobre os echos mais intimos do coração. A minha Poetica, por mais larga que seja, tentando avaliar a extensão d'aquelle ether

purissimo, parece-me então tão disforme como um anão pesado e curto, que pertendesse medir, pela medida de seus passos, a distancia que separa dous astros no ceu.

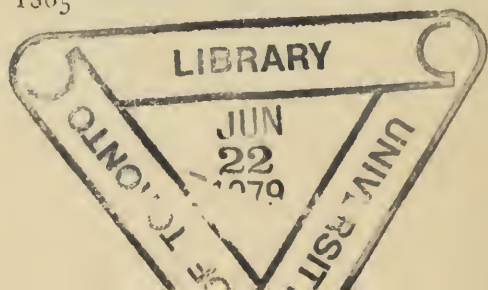
—Não batas n'uma mulher, nem mesmo com um ramo de flores—dizia a doce mais profunda sabedoria do Oriente. Ora a critica é um molho d'espinhos.

Sintamos a belleza d'estas poesias e não as discutamos. A arte, que discute e pensa e estuda, póde deslumbrar-nos com a irrupção de seus esplendores—mas só o coração nos sabe fazer chorar.—

Entre uma phrase e uma lagrima quem hesitará?...

Uma lagrima é a melhor poesia.

E' esse o soberano poema da mulher—a Piedade.

1865

ANTHERO DE QUENTAL

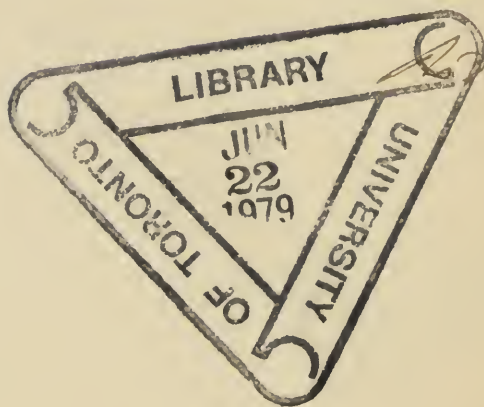
ANTHERO DE QUENTAL

ULTIMATUM DE 11 DE JANEIRO

BARCELLOS
Typographia da *Aurora do Cavado*
Editor—*R. V.*
1896

Tiragem apenas de 100 exemplares:

20 em papel de linho,
80 em papel d'algodão.

N.º 12

Entre as manifestações patrioticas que provocou no nosso paiz o nefando e negregado *ultimatum* de 11 de janeiro de 1890, data que assignala para a Inglaterra uma das paginas mais torpes e baixas de sua existencia, quasi toda entretecida de villanias, foi uma das mais notaveis, pela distincta collaboração que teve de muitos dos ho-

mens mais preeminentes do nosso paiz, e por n'elle se evidenciarem diversos escriptores de cunho do estrangeiro, o numero unico do *Anathema*, publicado em Coimbra, no mez de junho d'esse anno de 1890, pelos srs. Antonio Vaz de Macedo e Arthur Pinto da Rocha, e por elles dedicado a seus collegas os=Estudantes Portuguezes. =Sahido dos prélos da Imprensa Independencia, em formato in-folio, conta 47 paginas em bom papel-cartão laminado, nitidamente impressas, e tendo por collaboradores artisticos Raphael Bordallo Pinheiro, Nicola Bibaglia e L. Battistini, entre os nomes de seus numerosos collaboradores litterarios registra os de Anthero de Quental, Raphael Labra, Joaquim de Araujo, Visconde de Sea-

bra, Cesare Lombroso, Jean Richepin, João Penha, Emilia Pardo Bázan, Silva Pinto, Enrico Ferri, Manoel Duarte d'Almeida, Gumerzindo de Azcárate, Juliette Adam, Gomes Leal, Pi y Margall, Oliveira Martins, F. Giner, Camillo Castello Branco, D. João da Camara, Auguste Vacquerie, Alves Mendes, Maria Amalia Vaz de Carvalho, Rodrigues de Freitas, Fernandes Costa, Bernardino Machado, José Julio Rodrigues, Joaquim Alves Matheus, Bulhão Pato, Eduardo de Amicis, João de Deus, Henrique Lopes de Mendonça, Teophilo Braga, Fialho de Almeida, P.e Barroso, Thomaz Ribeiro, Eugéne Guyon, Consiglieri Pedroso, R. de Campoamor, Eça de Queiroz, Clovis Hugues, Guerra Junqueiro etc.

Abre o n.º Anthero de Quental com o artigo que em segida vae, e termina-o Clovis Hugues, o eminente poeta e democrata francez, com uns formosos e esplendidos versos *A' la jeunesse portugaise.*

Rodrigo Velloso

ULTIMATUM DE 11 DE JANEIRO

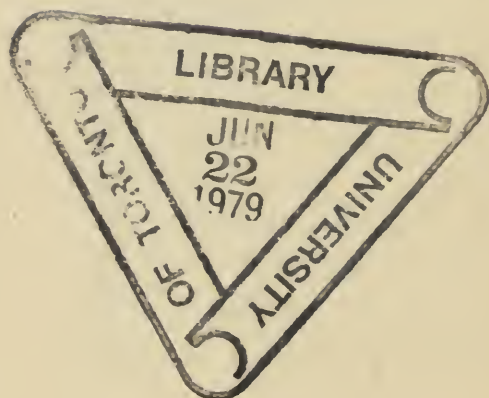
Há no grande movimento nacional, que começou no dia 11 de janeiro, um elemento affirmativo, que é a intensa paixão patriotica do povo portuguez, e um elemento negativo, o descredito das nossas instituições politicas, das praticas de governo e dos homens governantes. Se o primeiro é uma inequivoca

manifestação da vitalidade nacional, manifestação bem consoladora para todos os que já começavam a descrer da alma collectiva d'este povo, o segundo é o symptoma d'um estado morbido do organismo social, symptoma tão grave que bem se póde dizer que sobreleva em importancia a todos os outros, aos olhos dos verdadeiros pensadores. Emquanto subsistir este lamentavel divorcio entre o sentimento nacional e o Estado, que por natureza deveria ser o seu orgão, faltará sempre á nação portugueza a primeira condição para o seu perfeito estabelecimento, a qual é o accordo intimo entre o povo e os seus governantes. Sem este accordo, o movimento nacional tomará cada vez mais um caracter incoherente e desordenado, e descambará finalmente n'uma verdadeira anarchia.

E' pois necessario que esse funesto divorcio, preparado por trinta annos de

materialismo politico, cesse e se restabeleça a intima e indispensavel unidade moral da nação. Mas como? Pela revolução? Seria essa a maior das calamidades. Como então? Pela constituição dos orgãos genuinos do sentimento nacional, semelhantes á *Liga Patriotica do Norte*, que definindo a pura opinião patriotica e reformadora da nação, a imponham aos governos, quaesquer que elles sejam, e obriguem a Estado a converter-se á sua verdadeira missão de representante e interprete do sentimento nacional. *Moralisar* e *nacionalisar* o Estado, tal deve ser depois de passado o primeiro impeto da paixão, o fim consciente do movimento popular iniciado no dia 11 de janeiro. Quando a nação portugueza tiver governos que verdadeiramente a representem e nos quaes confie, quando o Estado voltar a ser um orgão util e não uma excrescencia parasita e nociva

no corpo social, só então poderemos dizer que está dado o primeiro passo no caminho da restauração das forças vitaes da sociedade portugueza.

Fevereiro, 1890.

ANTHERO DE QUENTAL

ANTHERO DE QUENTAL

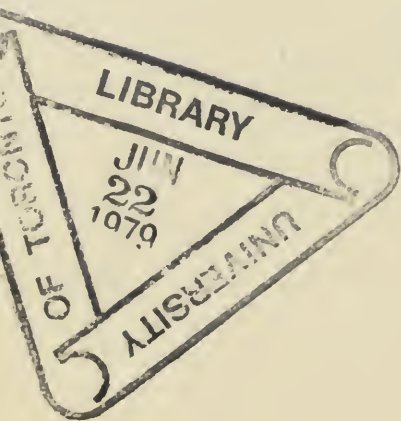
SOCIALISMO E PHILANTROPIA

BARCELLOS
Typographia da *Aurora do Cavado*
Editor—*R. V.*
1896

Tiragem apenas de 100 exemplares:

20 em papel de linho,
80 em papel d'algodão.

N.º 18

Rodrigo Velloso

Em abril de 1885 inaugurou-se com toda a solemnidade e lusimento na cidade de Beja uma Creche, e entre outros muitos applausos com que celebrada esta festa de caridade, um foi o da publicação de numero unico de um jornal publicado, sob a denominação

de *Beja-Creche*, pela commissão que emprehendera tão benemerita creação, e por ella dedicado ás damas que a haviam coadjuvado. Collaboraram n'esse n.º: Abel da Silva, Alfredo Cunha, Anselmo de Andrade, D. Antonio da Costa, Antonio José de Carvalho, Camillo Castello Branco, Cesar de Sá, Demetrio de Campos, Eça de Queiroz, Eduardo Garrido, Ferrer Farol, Fialho d'Almeida, Gomes Palma, D. Guiomar Torresão, João de Sousa Tavares, Luiz Guimarães, Luiz de Vasconcellos, Matheus Peres, Mimoso Rodrigues, Rodrigues Braga, Silva Gayo, Sousa Macedo, Trindade Coelho, Virgolino Carneiro, o Visconde de Monsarraz, e ainda Anthero de Quental, a isso levado, talvez, por pedidos de Anselmo de Andrade, que

fôra seu condiscipulo e era muito seu amigo.

O artigo que elle para ahi escreveu é o que em seguida transcrevemos, em que bem transparece que, ao tempo em que elle escripto, Anthero todo entregue ao socialismo e fazendo sua devotada propaganda.

Vingará para a Philantropia a missão que elle n'esse artigo lhe assigna e para ella reivindica?... O Altruismo aspira nos ultimos tempos a substituil-a...

Seja o que fôr, como escripto de Anthero, e só como tal, sem consideração pelas ideias n'elle professadas, o chamamos a esta nossa collecção.

Rodrigo Velloso

SOCIALISMO E PHILANTROPIA

No meio dos muitos symptomas de enfraquecimento e desordem moral, que a sociedade contemporanea apresenta, e que, no pensar de muitos, parecem indicar uma degeneração dos elementos mais intimos da civilisação, ha um facto consolador e que contrasta singularmente

com aquellas tendencias morbidas: é o desenvolvimento extraordinario que a caridade tem tomado por toda a parte, se não como sentimento individual, o que é quasi impossivel verificar, pelo menos como facto social e collectivo, como caridade, digamos assim, civica e secular.

Esta especie, póde dizer-se nova, de caridade e caracteristica do nosso tempo, se não vem aureolada, como a outra, a das sociedades profundamente piedosas, por aquella poesia com que só a commoção intima e o sentir religioso têm o condão de revestir quanto elles inspiram e quanto d'elles sáe, tem ao menos por si o vulto e grandeza material, se assim se póde dizer, dos resultados que consegue. Subscripções abertas para acudir a alguma grande calamidade, que assola regiões inteiras e faz victimas aos milhares—inundações, terremotos, crises

industriaes—junctam em poucas semanas sommas tão consideraveis, que só por centenas de contos se podem calcular.

E não é só extraordinariamente e com intermittencias que esta caridade civica opéra, mas tambem d'uma maneira regular e constante, por meio de instituições, que o seu espirito, mais forte que as doutrinas liberaes ou individualistas, tem imposto ao Estado moderno, como uma funcção nova, não prevista pelos publicistas doutrinarios. Debaixo do seu influxo irresistivel, o Estado moderno, apesar de theoricamente liberal, tornou-se de facto cezarista. E' pae dos pobres e, como outr'ora os Cezares romanos, distribue a «annona» aos necessitados. N'esta esphera da caridade, não só civica mas official, a grandeza material dos resultados é, como se poderia prever, ainda mais consideravel: o sim-

ples orçamento das instituições de caridade official da cidade de Paris é de mais de 2:000 contos por anno—o orçamento do exercito de algumas nações pequenas!

Dir-se-ha (e tem-se dito) que esta caridade secular é uma falsa caridade: que, se abstrahirmos dos resultados e considerarmos só o sentimento, acharemos n'elle muita impureza, que o deturpa: que, finalmente, o bem que se faz ou á custa do orçamento do Estado, ou por meio de subscripções espectaculosas, de concertos, bazares e bailes, onde impera mais do que tudo a vaidade, póde ser cousa util, cousa recommendada até pela boa politica, mas não merece o nome sublime de Caridade.

Ha certa verdade nisto, e reconhecemos que não é esta rigorosamente a Caridade do Evangelho. E' Philanthropia;—e o facto de ter surgido nas lin-

guas modernas esta palavra nova só por si bastaria a mostrar, (apesar dos apódos inintelligentes de certos puristas) que o sentimento que produz este grande phenomeno social é distincto da Caridade propriamente dicta. O sentir geral teve d'isto uma noção obscura, e adoptou a palavra nova para exprimir uma cousa, que, apesar de não poder definir claramente, percebia ser nova tambem.

Mas o que é então esse sentimento novo? o que é o que vale essa apregoada Philanthropia?

Vastas paginas escassamente chegariam para analysarmos e profundarmos este grande mais ainda obscuro ponto da psychologia social. Nos flancos d'esta palavra, que já hoje é tanto, está ainda mais do que o presente: está o futuro; e conforme ella fôr, assim será elle tambem.

Alguns dizem que a Philanthoopia é a secularisação da Caridade. Eu cuido que não. A Caridade, sentimento affim das cousas metaphysicas, e por consequencias, das cousas religiosas, nunca será secularisada—da mesma forma que nunca haverá uma religião secular, nem uma metaphysica nos limites do senso commum e practico. Ella, a sublime irmã da Poesia (e filhas ambas d'aquelle «primo Amore», de que fala o Dante), lá tem marcada a sua funcção, ou antes missão, na esphera das cousas ideaes, das cousas que estão no mundo, mas que não pertencem ao mundo.

A Philanthropia essa é do mundo: é practica e secular. A sua irmã não é a Poesia, é a Justiça. Sentimento obscuro ainda, vai mais longe, muito mais longe, do que as suas obras actuaes parecem indicar; e muitos que a trazem no seio, se conhecessem tudo quanto ha de sahir

d'aquelle germen possante, talvez, atterrados, tentassem abafal-o. Ella é, na região ainda do sentimento, o prenuncio d'uma radical transformação nas noções da ordem social, d'uma concepção da sociedade segundo as normas da pura Razão, e tal que, deante d'ella, a desigualdade, fonte e origem da miseria como cousa normal, tem de desapparecer, tem de ser varrida violentamente para o monturo barbaro das fatalidades historicas.

Quem, pois, diz Philanthropia diz, ainda que o não queira, socialismo e egualdade: jura por uma divindade encoberta, divindade que não conheceram nossos avós, e em cujas aras têm de arder em holocausto muitas cousas que respeitaram e até veneraram nossos paes.

Vingará esse germen extraordinario? Quem o póde dizer! E' o segredo do futuro. Mas se ainda uma vez a Historia

tem de mentir ás esperanças que nella tem posto a Razão, não deixaremos por isso de ter como cousa, entre todas honrosa para o nosso tempo, esta comprehensão nova da sociedade, percebida pela intelligencia priviligeada de poucos com o nome de Socialismo, e sentida pela alma sympathica de muitos com o nome de Philanthropia.

ANTHERO DE QUENTAL

ANTHERO DE QUENTAL

MANIFESTO DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

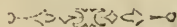
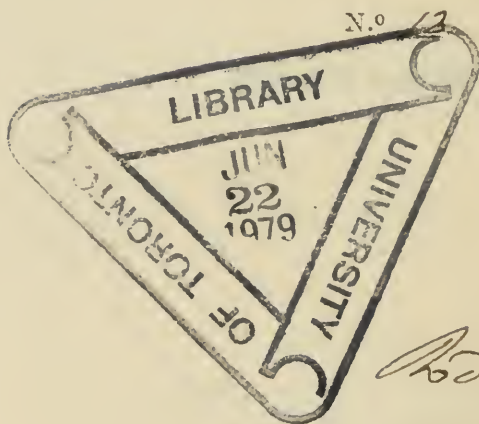
A' OPINIÃO ILLUSTRADA DO PAIZ

1862-1863

BARCELLOS
Typographia da *Auròra do Cavado*
Editor—*R. V.*
1896

Tiragem apenas de 100 exemplares:

20 em papel de linho,
80 em papel d'algodão.

N.º

O Visconde de S. Jeronimo, Bazilio Alberto de Sousa Pinto, por longos annos lente da Faculdade de Direito na Universidade, era seu reitor, e já desde tempos, no anno lectivo de 1862 a 1863. O antigo liberal de 1820, deputado ás Constituintes de 1821, esquecera, parece, nos fins de sua vida, os principios com que a inaugurara na scena politica, e tornára-se profundamente antipathico á Academia, sobre a qual fazia pesar todo o rigor da obsoleta legislação universitaria, a mais incongruente,

tirannica e injustificavel de todas as legislações, cujos artigos draconianos têm resistido a todas as evoluções da sciencia do direito e a todas as conquistas da civilisação, recordação ominosa, tetrica e funebre das edades inquisitoriaes.

E conhecendo bem o Visconde de S. Jeronimo a existencia d'essa antipathia, e que de dia para dia se ia ella exarcerbando, rasgando cada vez mais fundo abysmo insuperavel entre a Academia e elle, em lugar de algo fazer para a diminuir, se não extinguir, punha todo o seu empenho no contrario provocando em tudo e por tudo, sempre que para isso se lhe deparava ensejo, o exaspero dos animos dos estudantes.

A tal ponto se foram, em essa maneira, apurando as cousas, que

deliberada a grande maioria da Academia a dar ao reitor um testemunho bem solemne e frisante de sua incompatibilidade com este, para realisação d'elle foi aprasado o dia 8 de Desembro de 1862, por occasião da solemne distribuição dos premios aos estudantes laureados da Universidade, para a qual, desde longuissima data, destinado e consagrado o dia 8 de desembro em que a egreja commemora a Conceição de Maria,decretada por D. João 4.º Padroeira do Reino, e Protectora da Universidade.

Effectivamente n'esse dia inteiramente apinhada de estudantes a vastissima sala dos Capellos, onde a solemnidade da distribuição dos premios se soe realisar, apenas o Visconde de S. Jeronimo começou de falar,na sua qualidade de reitor,

inteiramente se evacuou o amplo recinto de tódos os estudantes, que o enchiam, voltando-lhe as costas a immensa mole de batinas, que reunida no pateo da Universidade, enthusiasticos vivas soltou á liberdade.

O echo immenso que d'este notabilissimo acontecimento então resoou em toda a Coimbra e naturalmente se repercutiu por todo o reino, e as apreciações diversas que d'elle foram feitas, motivaram o *Manifesto dos estudantes de Coimbra á opinião illustrada do paiz,* impresso e profusamente distribuido. Elaborou-o Anthero de Quéntal, e este o motivo por que o trazemos a esta collecção de seus trabalhos dispersos.

Rodrigo Velloso

MANIFESTO DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A' OPINIÃO ILLUSTRADA DO PAIZ

1862-1863

Ao Governo, aos homens desinteressados e liberaes d'esta terra, vamos dar razão do nosso procedimento. Oiçam-nos. Pedimos um quarto de hora de attenção: não é muito que ao prazer e ao interesse se roubem alguns minutos para at-

tender á voz da mocidade de um paiz. Essa voz parte d'alma: é a voz da eterna justiça.

Todo o facto pede uma explicação. Se o acontecimento é grave, graves devem ser os motivos que o produziram: e, mais que ninguem, homens novos. quando deliberam, pódem sim enganar-se, mas a intenção é sempre generosa e nobre.

Pergunta-se hoje em Coimbra, pergunta-se por todo o paiz:—Que querem os Estudantes da Universidade de Coimbra? Que significa a evacuação da sala dos Capêllos no dia 8 de dezembro de 1862? Que protesto é esse d'uma corporação contra o seu chefe?

Os Estudantes não são meia duzia de crianças turbulentas que, n'uma hora de galhofa, se combinem para pregar uma peça ingraçada; tantos homens não se intendem, como um bando de rapazes

de escola, só com o fim de se divertirem á custa de uma coisa muito séria. Não foi, pois, o prurido da infancia o motor d'aquelle acontecimento. Esta hypothese nem se discute. O bom senso da nação regeita-a como uma offensa feita a si mesma na pessoa dos seus melhores filhos.

Os Estudantes não são, tão pouco, instrumentos cegos de vinganças pessoaes, trabalhando á luz do dia, mas movidos por um braço occulto na sombra. São instrumentos sim, mas da propria causa. O braço que os impelle não vem de cima, nem vem de baixo o impulso que os leva. Escutam a voz da consciencia e obram.

Os estudantes não são *discolos, amotinadores, facciosos* ou *assassinos*. Pois o leite que se bebe no seio das mãis transformar-se-ia em veneno ao primeiro sorvo do ar de Coimbra? Pois estará

tão gangrenado este paiz que o seu coração—um coração de vinte annos—só abrigue odios e trevas? orgulho e miseria? Pois será esta a esperança do futuro? Ah! a nação tambem é mãi; não póde calumniar seus filhos.

A evacuação da sala dos Capêllos no dia 8 de dezembro de 1862, o protesto da Academia contra o Reitor da Universidade deve, como todo o facto, ter um motivo e um fim. Partido de uma corporação onde o paiz reconhece o melhor, o mais puro de seu sangue, deve, mais que nenhum, ter um motivo justo, um fim grave e elevado.

Os que sobre nós lançam o estigma de amotinadores são esses os primeiros a reconhecel-o. Pois se assim não fosse, se contra si não temessem a justiça da nossa causa, com que motivo adulterar os factos para depois os combater? Quem calumnia, quem cria um fantasma para

ter a esteril gloria de o derrubar ante os olhos do paiz, é que teme luctar com a verdade, é que sabe que ó venceria a verdade, se a confessasse.

Porque os factos foram adulterados. Debaixo do capa do anonymo fomos calumniados por cobardes que á luz do dia não se atrevem a dar com o seu nome garantia ás suas palavras. Julgou a boa fé dos nossos vinte annos que em questão tão grave sobrenadaria a justiça e a verdade acima da onda lamacenta do interesse pessoal, da calumnia, das miserias d'uma ou d'outra facção.

Foi ainda um engano. A boa fé do jornalismo do paiz foi tambem ludubriada. Quizeram desacredital-o, desacreditando-nos, fazendo-lhe repetir o que a melevolencia d'alguem lhe segredou em hora d'estulta inspiração.

Como homens, filhos d'esta época de liberdade, lamentamos que uma insti-

tuição que amamos, porque é a educadora dos povos, a mãi das nações livres, que a imprensa fosse enganada por falsos informadores e, ainda sem o querer, mentisse uma vez á sua missão. Mas, como membros de uma corporação, é do nosso dever, é da nossa honra aceitar a luva que nos lançam, e esclarecer a opinião, salvando d'esta injustiça a imprensa portugueza.

Os Estudantes sairam da sala dos Capêllos, mas não sairam amotinados. Viraram sómente costas a um homem que não amam nem respeitam, porque se não sabe fazer nem respeitado nem amado. Ficar é que seria crime, porque fôra uma baixeza.

Os Estudantes, reunidos no terreiro da Universidade, deram vivas á independencia, vivas á liberdade, mas não tumultuaram, não se revolucionaram, não deram deram morras, não pediram

a cabeça de ninguem; por que os Estudantes sabem que a cabeça de qualquer homem é sagrada; por que nossas mãis não nos insinaram a soletrar em seus olhos a religião da amor, para nós virmos aqui transformarmo-nos em bandidos e homicidas, e a essa religião transformal-a em lei de morte.

A nós córar-nos-iam as faces de vergonha por este povo, se em Portugal um só homem ousasse tal acreditar.

Não se pediu a morte de ninguem, não se perturbou um acto solemne com vozes nem tumultos. Evacuou-se uma sala com o socego que tal evacuação comporta. Depois—fóra, no meio da praça—deram-se vivas á liberdade por que não sabiamos ainda aqui que esta palavra tivesse sido riscada, por ordem do Geral dos jesuitas, do diccionario politico d'esta nação.

Que infamia commetteram os Estu-

dantes da Universidade, saindo d'uma sala onde não podiam ficar, sob pena de ouvirem cousas desagradaveis para o seu brio, da bôca de um homem que se compraz em os amesquinhar?

Que crime commetteram, n'um paiz liberal, os filhos dos homens do Mindello, dando vivas á liberdade?

Sabemos manifestar-nos contra uma authoridade, nos limites da ordem e da lei. Ordem e lei, em terra de livres, não são circulo tão estreito que se não possa dar um passo sem lhes sahir logo da peripheria.

E' esta a verdade. Para a restabelecer temos ainda voz que se erga, fale e se escute em todos os angulos d'esta terra. Falamos; que nos oiça a nação: que a nação são nossos paes, são nossas mãis, é o coração de nossas familias, e aos vinte annos não se apprendeu ainda a linguagem da mentira para fal-

lar a um pae e a uma mãi. A verdade é esta. Que se levante alguem e, arrojando a mascara villan do anonymo, se atreva a desmentir-nos!

Eis o facto. Agora os motivos d'elle.

Que tem o Reitor da Universidade que mereça tal desapprovação?

Respondam por nós os jornaes do paiz que, ha tres annos, não cessam de registrar em suas columnas factos sobre factos, iniquidades e miserias. Respondam as representações, os pedidos de justiça, que cada acto seu tem promovido. Responda o corpo cathedratico, onde raras vozes amigas incontra a apoial-o. Responda a rectidão de nossas intenções, —de nós, que o accusamos, que somos moços, e não erguemos a voz contra um homem sem razão, sem muita razão.

Póde suppor-se que o corpo docente da Universidade, que devemos julgar prudente e illustrado; que a mocidade

portugueza, que abriga no coração tanta rectidão e justiça; que o jornalismo, echo da opinião publica; que sciencia, nobreza d'intenções, prudencia e illustração; que tanta gente, e da melhor, em tão diversos sitios, sem se passarem palavra, sem um fim qualquer, se conspire e combine contra um homem, o accuse e guerreie... e que esse homem não tenha dado motivo a esta declaração de guerra? Pode suppor-se isto?

Se assim fosse, se a nação suppozesse tal do que tem melhor em si... que idea formariamos então da opinião publica, da moral d'este paiz?

E' uma hypothese que se não discute. Estranho caso, em verdade, é incontrar na historia o facto de um homem grande, menosprezado, accusado injustamente por tudo quanto tem em si de melhor uma nação. Será o Reitor da Universidade o Colombo que nós todos

desconheçamos?... Que lhe responda a consciencia.

Mas não é só contra o Reitor, o sr. Doutor Basilio Alberto de Souza Pinto, que nos manifestamos, contra a authoridade que não cumpre com o dever da justiça, o primeiro e unico que lhe impõe o seu cargo. Ha aqui mais alguma cousa, e alguma cousa peior. Gememos sob o jugo de uma legislação iniqua, porque é velha; necessariamente injusta, porque é confusa. Cumpre ao Reitor adoçar lhe o rigor, e, no meio da liberdade que tal confusão lhe dá, escolher sempre em harmonia com a idea do seculo, que é a Justiça.

E' isso que elle não comprehende: é isso que elle não quer; e é contra isto que nós protestamos.

Se uma vez não applica a lei, se muitas vezes é o arbitrio o seu unico codigo, é isto mau. Mas quando trata de a

cumprir, quando é justo como executor da lei, porque se escuda com ella, incarnar em si todo o rigor da velha instituição, tirar-lhe as ultimas consequencias, ter na sua mão uma espada, e, podendo escolher entre o gume e as costas, preferir o gume... isto é peior, por que isto é pessimo.

A manifestação contra o Reitor da Universidade é tambem protesto contra a iniquidade d'uma legislação atrasada de tres seculos, porque este Reitor symbolisa todo o rigor d'essa lei, porque consubstancia em si tudo quanto ha de mau na instituição.

A lei pésa sobre nossas cabeças com o pêso de muitos annos, mas o Reitor carrega ainda, com todo o pêso da sua mão, sobre o já enorme da lei, e quer-nos esmagar sob a pressão immensa dos annos e do rigor ainda.

Um e outro jugo nos é odioso; con-

tra ambos protestamos.

O Reitor que deu lugar a vermos, em toda a sua fealdade, a injustiça da instituição, abriu caminho a que, manifestando-nos contra elle, nos manifestassemos contra ella tambem.

São esses os nossos motivos. E' este o duplo sentido do nosso protesto.

Em quanto ao fim é claro, depois d'isto, qual elle seria.

Substituir a voz dos opprimidos, forte porque parte d'um coração torturado, á voz da imprensa—essa defensora dos que soffrem, sim, mas que não póde erguer-se tanto, porque não pede em causa propria. O jornal fala, mas como quem discute; perde-se-lhe a voz no meio do tumultuar dos muitos interesses que por aí se agitam. Nós falamos, com o brado dos opprimidos, que todos escutam, que todos devem escutar, porque ninguem negará aos filhos dos he-

roes do Mindello e do Porto, ainda pallidos pelo sangue que seus paes perderam, regando a arvore da liberdade, ninguem lhes negará, n'esta terra de Portugal, o direito de pedir que lhes alliviem o jugo d'uma lei d'oppressão e espionagem, que corrompe porque rebaixa e envilece; uma lei velha de seculos, que aqui se esconde temendo a luz da nossa era, a luz do progresso; uma lei que viu e tratou os jesuitas e o poder absoluto; uma lei contemporanea da Inquisição!

Que querem, pois, os Estudantes da Universidade de Coimbra?

Vamos responder a esta ultima pergunta.

Os Estudantes querem a reforma d'um processo inquisitorial: garantias de justiça: que se seja julgado e condemnado como homem, como cidadão d'um estado livre, e não como relapso fugido

nos carceres do Santo officio: que a egualdade perante a lei seja uma realidade aqui, e não risivel fantasmagoria; que nos julguem homens desapaixonados, e não os que mais estão no declive escorregadio das vinganças; que se distinga entre *sciencia* e *costumes*, e acabe por uma vez essa pena infamante que, com um traço negro de tinta, mata a reputação, o futuro de uma vida em começo, quando, muita vez tambem, não mata o coração de uma familia.

Que querem os Estudantes da Universidade?

Que se indague tudo da sciencia, que é patrimonio de todos, e nada da vida particular, que é asylo individual e inviolavel; que por detraz da cadeira do insino se não lobrigue o olho do esbirro: que se faça progredir a sciencia, e se deixe a moral desinvolver-se por si.

Que querem os Estudantes da Universidade?

Justiça! Um olhar de pae d'esse Portugal, velho que por todos os lados se remoça, e só teima em esquecer no frio esmirrador da meia-idade... quem? os melhores de seus filhos!

Justiça! Um raio de sol tambem para nós, d'esse sol de liberdade e progresso que luz para todo o seculo, e só a nós nos deixa nas trevas do passado. Um logar no banquete das garantias liberaes, que nos é devido, porque essa liberdade custou o sangue de nossos paes, o nosso sangue! Garantias para quem quer ser livre, digno e justo; auxilio a estes escravos que querem, um dia, ser homens e cidadãos.

LIBRARY
JUN
22
1979
UNIVERSITY OF TORONTO